

FÁBIO AGUIAR e PAULO CAROLI

PREFÁCIO POR ALEXANDRE MAGNO

PRODUCT BACKLOG BUILDING

Um guia prático para criação e refinamento
de backlog para produtos de sucesso



Editora
Caroli
caroli.org



OceanofPDF.com

Coordenação editorial e
preparação
Juliana Cury Rodrigues |
Algo Novo Editorial

Revisão
Franciane Batagin | Estúdio
FBatagin

Projeto gráfico,
diagramação e capa
Vanessa Lima

Ilustrações e adaptações
Holger Nils Pohl e Fábio
Aguiar

Produção de eBook
Loope Editora | www.loope.com.br

Copyright © 2021 by
Fabio Aguiar e Paulo Caroli
Todos os direitos desta
edição
são reservados à Editora
Caroli.

Rua Corcovado, 210 –
Jardim Botânico,
Rio de Janeiro, RJ, 22460-
050, Brasil

www.caroli.org/editora
contato@caroli.org

Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Aguiar, Fábio

Product Backlog Building: Um guia prático para criação e refinamento de backlog para produtos de sucesso / Fábio Aguiar e Paulo Caroli. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Caroli, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-86660-11-1

1. Projeto de produto 2. Planejamento de produtos 3. Scrum
(Desenvolvimento de software) I. Título II. Caroli, Paulo

21-1666

CDD 658.575

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento de produtos

OceanofPDF.com

FÁBIO AGUIAR e PAULO

CAROLI

PRODUCT
BACKLOG
BUILDING

Um guia prático para criação e
refinamento
de backlog para produtos de sucesso



Editora
Caroli
caroli.org

OceanofPDF.com

A thick, orange, hand-drawn style oval that encircles the text. It has a slightly irregular, brushstroke-like appearance with some overlapping lines.

AGRADECIMENTOS

OceanofPDF.com

Agradecemos a todas as comunidades ágeis brasileiras por participarem deste livro. A parceria, o apoio e os feedbacks positivos foram essenciais para a evolução do conteúdo. Um agradecimento especial à comunidade Tá Safo, berço deste trabalho.

Muito obrigado às pessoas das muitas empresas com quem trabalhamos. A aplicação do PBB em diversos contextos e situações nos forneceu experiência prática e embasamento para melhorar o método e, por consequência, este livro. E muito obrigado a muita gente boa da nossa comunidade ágil brasileira, profissionais que contribuíram para a evolução e divulgação do PBB.

Agradecemos também aos nossos familiares e amigos, pessoas queridas que nos apoiam no dia a dia de trabalho. O suporte de vocês foi fundamental para a criação e evolução desta obra!

Por último, mas não menos importante, obrigado você, leitor, por ser mais um integrante de nossas comunidades e por contribuir para o crescimento do ágil no Brasil.



OceanofPDF.com

A thick, black, hand-drawn style oval frame that is slightly irregular and open at the bottom, enclosing the text.

SUMÁRIO

OceanofPDF.com

PREFÁCIO POR ALEXANDRE MAGNO: UM PROFISSIONAL NO MEIO DO BACKLOG

APRESENTAÇÃO POR FÁBIO AGUIAR: COMO SURTIU O PBB

APRESENTAÇÃO POR PAULO CAROLI: COMO CONHECER O PBB

A MOTIVAÇÃO DO PBB

O que é Product Backlog Building?

UMA BREVE VISÃO DO SCRUM

Os eventos do Scrum

O time Scrum

Os papéis do Scrum

Os artefatos Scrum

O PROTAGONISTA: O BACKLOG

Contexto do backlog

Backlog na essência

Backlog: a única fonte de trabalho

Como trabalhar com o backlog

Granularidade do backlog

Alinhando os termos

PRODUCT BACKLOG BUILDING

A prática de construção de backlog

A facilitadora do PBB

Simple, rápido e enxuto

O PBB CANVAS E O FLUXO DE CONSTRUÇÃO DO BACK LOG

Contextualize o produto

Descreva as personas

Entenda as funcionalidades

Identifique os PBIs

Descreva a ação de cada PBI

Mapeie os passos de uma funcionalidade – Steps Map

Organize visualmente o PBB

COORG: A TÉCNICA DE PRIORIZAÇÃO DO PBB

Classifique o backlog

Ordene o backlog

ORGanize o backlog

Atualize o backlog para novos PBIs

PBB E BACKLOG READY

Como definir a qualidade de um PBI

Refinamento contínuo

O PBB e o backlog inicial

O PBB e o refinamento contínuo

Como estruturar o backlog

Como atualizar o backlog

PBB E HISTÓRIA DE USUÁRIO

História de usuário

Habilitador

Critério de aceite

BDD

Tarefa

Interface

ESCREVA HISTÓRIAS DE USUÁRIO COM O PBB

Exemplo: Palestras coletivas

PBB E TAPAS

TAPAs com cartas

TAPAs na matriz

Sinal vermelho

PBB E A LEAN INCEPTION

Alinhamento do MVP e alinhamento das Sprints

A história do casamento

O PBB como passo seguinte da Lean Inception

Faça o encaixe

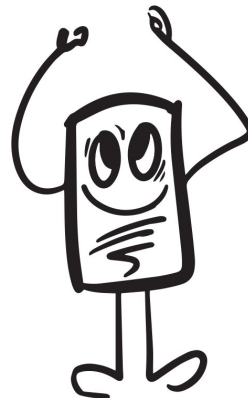
CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ONDE ENCONTRAR MAIS

PARTICIPE DO TREINAMENTO DO PBB

SOBRE A EDITORA CAROLI
DEIXE SUA AVALIAÇÃO



OceanofPDF.com



PREFÁCIO

OceanofPDF.com

UM PROFISSIONAL NO MEIO DO BACKLOG

POR ALEXANDRE MAGNO

O ano era 2002 e eu estava à frente de uma empresa de tecnologia que tinha como propósito colocar a região Norte no mapa do desenvolvimento de software no Brasil.

Foi um período de muitas dificuldades e, sem dúvida, incontáveis desafios. Uma das minhas principais responsabilidades ali era conseguir captar e priorizar as demandas. Afinal, atender bem os clientes e satisfazer nosso sedento time era fundamental para alcançar nosso propósito. Fazer isso nunca era trivial, pois envolvia toda aquela dificuldade de ter a pessoa certa disponível para o cliente certo e no momento certo.

Em uma dessas situações, eu surpreendi um integrante do time, sugerindo que ele assumisse de imediato um novo desafio em um dos nossos clientes. Ele julgava não estar preparado, suava frio. Porém eu tinha confiança de que seria um ótimo experimento para o momento da carreira dele assumir aquele protagonismo ou, como ele diria, assumir “aquela pressão”.

Metaforicamente falando, esse colaborador era como um item que estava desfrutando do conforto ali pelo meio do Product Backlog e que, da noite para o dia, tinha sido “repriorizado” para o topo da lista. Parecia que ele não estava preparado para entrar já na próxima iteração, mas se mostrava o

“item” certo para aquele momento. Era, sim, a hora certa de arriscar e tenho certeza de que não errei na priorização.

Depois de alguns tantos anos, esse profissional presenteou nossa comunidade ágil com ótimas ideias para a construção, o refinamento e a priorização do Product Backlog. Técnicas fantásticas que transformavam todo esse difícil e solitário trabalho em algo bem mais colaborativo, prazeroso e simples.

Esse trabalho culminou no que hoje é chamado Product Backlog Building (PBB), um método fantástico que você conhecerá em mais detalhes e de forma extremamente prática ao longo deste livro. Com ele, não tenho dúvida, você se tornará um profissional ágil mais completo, conseguindo engajar as pessoas nas sessões de construção e refinamento de requisitos, e chegando a um resultado que gere mais valor para seus clientes.

Indo além, se você for um profissional inserido no contexto de produtos digitais, encontrará, nas próximas páginas, mecanismos para tomar decisões de maneira mais assertiva, priorizando e planejando o seu produto, para que esteja alinhado às expectativas do negócio, e aproveitando as oportunidades do mercado.

Fábio Aguiar é o nome daquele profissional que estava no meio do backlog e que, de repente, precisou entrar rapidamente em uma nova iteração na sua profissão. Hoje, ele é uma das principais referências no mundo de produtos digitais. Sorte a nossa de que ele aceitou o desafio!

ALEXANDRE MAGNO

Autor de Tire seu projeto do papel com Scrum e Learning 3.0 e fundador da Emergee (www.emergee.com.br)

OceanofPDF.com

**Com este método, não tenho
dúvida, você se tornará
um profissional ágil mais
completo, conseguindo engajar
as pessoas nas sessões de
construção e refinamento
de requisitos, e chegando a
um resultado que gere mais
valor para seus clientes.**



OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

POR FÁBIO AGUIAR

Não tem maneira melhor de começar este livro do que contando a história do PBB, o protagonista.

Bom, eu, Fábio Aguiar, trabalhei por muitos anos como desenvolvedor. E costumo dizer que na primeira década do Manifesto Ágil, a gente levava a proposta do Scrum na essência. Mas como assim “na essência”? Você pode perceber que o Scrum sugere a Product Owner (PO) e a Scrum Master (SM) como papéis, não como funções, e isso, de fato, acontecia nessa primeira década.

Mas por que estou contando isso? Naquela época, sempre tinha alguém – muitas vezes alguma das pessoas desenvolvedoras – com habilidade de facilitação. Era esse profissional que assumia o papel de Scrum Master, conduzindo o projeto, mas também ajudando o time a seguir o framework Scrum. Ademais, também tinha outra pessoa com mais habilidade ou interesse em análise, que ajudava na parte dos requisitos ágeis, o PO.

No meu time, eu assumi esse papel de PO. Como eu tinha facilidade para entender e ouvir o cliente, e transformar o que foi dito em backlog, além de desenvolvedor, assumi essa missão. Dessa forma, eu me aproximava do cliente para entender as necessidades e trazer esse conteúdo para transformar em backlog e dar direcionamento ao trabalho do time.

Como eu passei a fazer isso com muita frequência, comecei a sentir a necessidade de estruturar a conversa com os clientes para não “sair escrevendo” os itens do backlog do nada. Com esse sentimento de falta, comecei a usar um caderno (que, aliás, tenho até hoje) para anotar, em cada

página, o que eu precisava saber do cliente para estruturar o backlog. Isso foi em 2010 e nesse caderno eu colocava problemas, expectativas, quem são as pessoas afetadas etc.

A cada encontro com um novo cliente, eu levava o caderno e usava ele como guia. Porém, fazia as anotações de maneira silenciosa. Até que surgiu uma outra necessidade: eu precisava fazer isso de forma colaborativa! Então peguei o conteúdo do caderno, coloquei em um Canvas e fui testar a recepção.

Quando eu fiz isso pela primeira vez, o cliente começou a se sentir dono daquilo que estava sendo construído. Com esse feedback, vi que a decisão foi acertada e resolvi seguir com a ideia do Canvas! A primeira versão foi usada em um projeto da Marinha. Inclusive, tivemos uma experiência muito legal com os marinheiros participando ao colocar vários post-its no Canvas, o que mostrou como ele é uma ferramenta importante para ajudar no envolvimento e colaboração dos participantes.

Esse Canvas, hoje, é o que eu chamo de PBB Canvas, que é uma ferramenta de facilitação para construção de backlog. Além dele, eu tenho a técnica, o método, que é o Product Backlog Building, que não necessariamente precisa de um Canvas (podemos fazer em uma parede em branco, por exemplo, mas seguindo a organização visual).

Depois dessa primeira experiência positiva, a história foi crescendo: comecei a usar o PBB nos meus projetos, alguém via e pedia para eu explicar para começar a usar também. Com essa participação constante, o método se propagou cada vez mais.

Com isso, comecei a compartilhar o PBB com as comunidades. A primeira oportunidade foi em 2013 na Tá Safo,¹ de Belém do Pará, uma das primeiras comunidades voltadas para métodos ágeis no Brasil.

A cada compartilhamento eu recebia mais feedbacks positivos e o método foi se expandindo cada vez mais. O PBB entrava, agora oficialmente, no processo de inspeção e adaptação – como toda técnica ágil passa – e ele passou a ser usado em muitos projetos e a aparecer em várias discussões da internet.

Quando você começa a perceber que uma técnica ágil está sendo usada em vários contextos, e que ela está ajudando de fato, já sabe que está chegando no modelo ideal daquele método.

Quando eu senti essa segurança, dei outro passo importante: compartilhar o PBB na principal comunidade ágil nacional. Em 2015, palestrei sobre PBB no Agile Brasil (em Porto de Galinhas, PE) e, logo, em outras oportunidades de nível nacional, sempre continuando com o processo de inspeção e adaptação. A cada feedback eu fiz adaptações e, dessa forma, o método chegou para mais e mais pessoas.

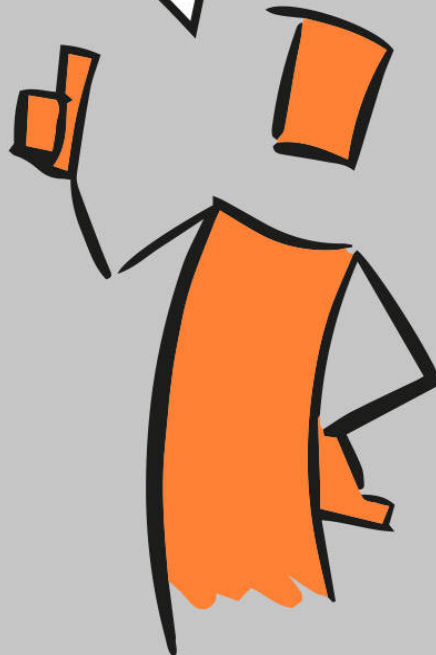
Algo que eu sempre digo e merece ser registrado aqui também: um método/técnica ágil não nasce da noite pro dia. Você não vai pensar nela em uma noite e, na manhã seguinte, agendar treinamentos e palestras. Existe um processo de anos, que todas as técnicas ágeis passam, para que ela seja inspecionada e adaptada.

Foi assim com o PBB, com a Lean Inception do Caroli e, certamente, foi assim com outras técnicas que temos no mercado. Quando vários projetos estiverem dando certo com o método, aí sim chegou a hora de você compartilhar com o mundo.

Esse é o meu objetivo com este livro, então obrigado por fazer parte dessa comunidade também!

Fábio Aguiar

Quando você começa a perceber que uma técnica ágil está sendo usada em vários contextos, e que ela está ajudando de fato, já sabe que está chegando no modelo ideal daquele método.



OceanofPDF.com

-
- 1 Comunidade de tecnologias abertas com software ágil, fácil e organizado. Disponível em: <https://tasafo.org>. Acesso em: abr. 2021.

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

POR PAULO CAROLI

Quando eu, Paulo Caroli, vi o PBB pela primeira vez, eu disse: “Fábio, você resolveu o meu problema!”

Isso aconteceu em 2017, no evento Scrum Day Brazil,² em São Paulo. Nessa época eu palestrava em muitos eventos nacionais sobre a Lean Inception, e sempre que era convidado para algum, aproveitava para assistir a outras palestras também.

Participei, então, da apresentação do Fábio sobre o PBB e logo o convidei para tomar um café. Ele abriu seu laptop, eu abri o meu e colocamos nossas palestras lado a lado.

“Olha aqui, Fábio, a Lean Inception tem dado excelentes resultados. Mas não vai a nível de história e priorização do backlog para as primeiras Sprints. Eu deixo isso nas mãos da PO.” – esse era o meu problema: a Lean Inception era colaborativa, mas, na sequência, virava responsabilidade da PO resolver tudo, criar boas histórias para o time e priorizar o backlog para as primeiras Sprints.

Em seguida, o Fábio apontou para a sua apresentação e disse: “Mas se o time já fez uma Lean Inception, fica perfeito para um PBB! Ele já vem com o contexto mais enxuto e está no ponto de quebrar as funcionalidades em histórias e priorizar o backlog.”

E por aí seguiu a conversa – que continuou em uma noite na minha casa, em Porto Alegre. O Fábio tinha ido a trabalho na cidade em que eu morava e achou que, após um dia exaustivo de trabalho, ia descansar no hotel. Em vez disso, se viu sentado comigo no meu escritório começando a escrever

um e-book que, depois de muita interação e ajustes, virou este livro que está em suas mãos.

Foram muitos encontros via videoconferência em muitas noites. Muita troca de conhecimento e muito compartilhamento do que estava funcionando nos vários projetos que ele ou eu usávamos o PBB. E, claro, muito feedback da comunidade ágil brasileira.

Eu sinto saudades da minha época de desenvolvedor eXtreme Programming, quando eu seguia a prática de pair-programing, que significa duas pessoas desenvolvedoras escrevendo código juntas. Com o Fábio, segui um estilo de pair-writing, no qual nós dois escrevemos (e reescrevemos muitas vezes) todo o texto deste livro, sempre pareando.

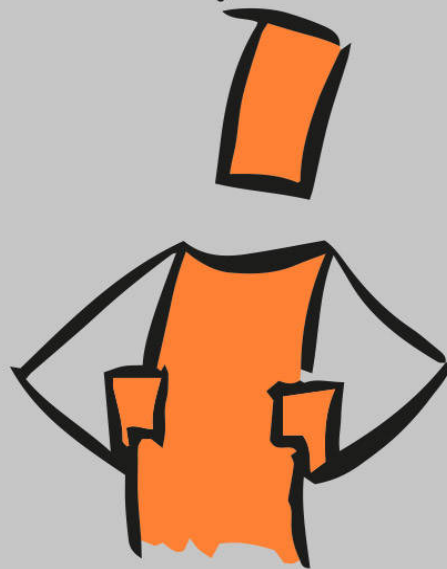
Espero que, assim como eu, você aprenda e desfrute desse excelente método que tenho muita honra de ter acompanhado e “apadrinhado”. Como digo para o Fabio: “O filho é seu. Eu sou o padrinho”.

Boa leitura!

Paulo Caroli

OceanofPDF.com

**Muita troca de conhecimento e
muito compartilhamento do
que estava funcionando nos
vários projetos que ele
ou eu usávamos o PBB.
E, claro, muito feedback da
comunidade ágil brasileira.**



OceanofPDF.com

-
- 2 Se quiser ver fotos e vídeos desse evento, acesse: www.caroli.org/scrumday-brazil-2017-fotos-e-videos.

OceanofPDF.com



**A MOTIVAÇÃO
DO PBB**

OceanofPDF.com

O Scrum é hoje, certamente, o framework ágil mais utilizado para construir produtos digitais. Tendo como seu ponto de partida o Product Backlog, entretanto, ainda há no mercado várias perguntas para serem respondidas, entre elas:

- Como chegar ao backlog do produto?
- Como construir algo que tenha valor?
- Como encontrar a real necessidade do cliente?
- Como definir o que é prioridade para o cliente no primeiro momento?
- Como refinar os itens do backlog?

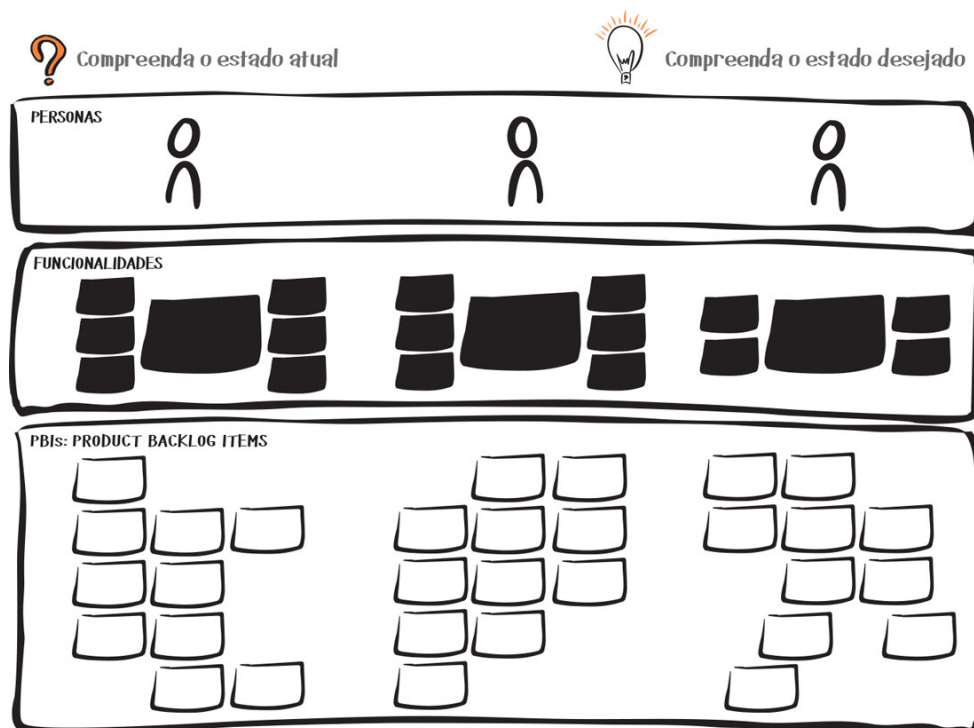
Tentando responder a essas perguntas, depois de diversas experiências em vários clientes, o Fábio documentou uma forma efetiva para criar o Product Backlog, e passou a compartilhar o PBB – que é a abreviação de Product Backlog Building.

OceanofPDF.com

O QUE É PRODUCT BACKLOG BUILDING?

O PBB – Product Backlog Building – tem como principal objetivo ajudar na construção e no refinamento do Product Backlog de forma colaborativa – construindo um entendimento compartilhado e levando todos os envolvidos à compreensão do produto – e na preparação do backlog para o time começar a trabalhar de modo ágil e eficaz.

A dinâmica do PBB consiste em vivenciar, na prática, a elaboração e criação de um backlog efetivo e colaborativo, envolvendo todas as pessoas que trabalharão no produto, esclarecendo as histórias de usuário e o backlog dos times, utilizando o PBB Canvas como ferramenta de facilitação.



Então podemos usar o PBB para complementar o Scrum (ou outro método ágil), como uma técnica para construir, refinar e priorizar as histórias e os primeiros incrementos do produto para o backlog do time ágil.

OceanofPDF.com

O PBB – Product Backlog Building – tem como principal objetivo ajudar na construção e no refinamento do Product Backlog de forma colaborativa.



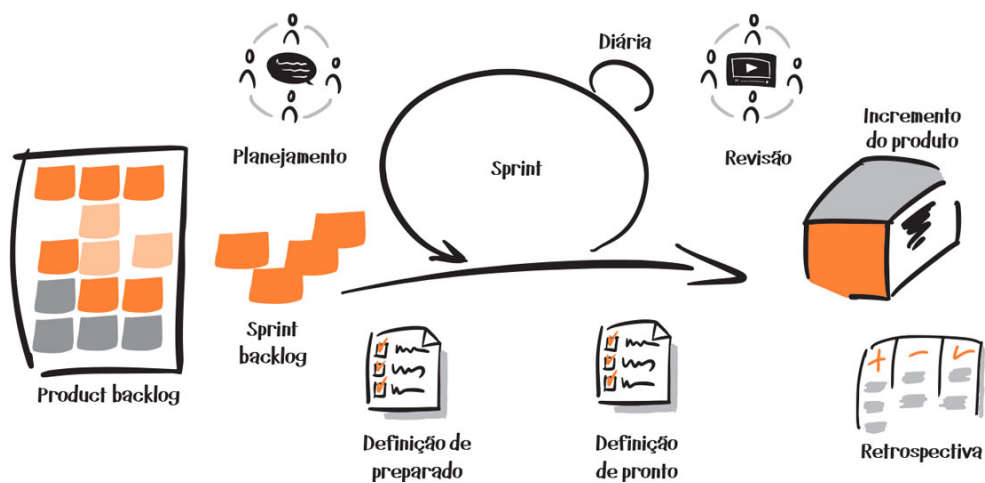
OceanofPDF.com

**UMA BREVE
VISÃO DO SCRUM**

OceanofPDF.com

Scrum é um framework ágil para desenvolvimento, entrega e sustentação de produtos complexos. Ele foi inicialmente proposto para projetos de desenvolvimento de software, mas tem sido aplicado para qualquer âmbito de projetos complexos e trabalhos inovadores.

O Scrum é especialmente adequado para produtos com requisitos que mudam rapidamente ou são altamente emergentes. O desenvolvimento de software com Scrum, por exemplo, progride por meio de uma série de iterações chamadas de Sprints, que duram, aproximadamente, de uma a quatro semanas.



OS EVENTOS DO SCRUM

O Scrum sugere que cada Sprint comece com uma breve reunião de planejamento e termine com uma reunião de revisão do trabalho realizado. Além desses dois encontros, o Scrum sugere mais um evento a cada Sprint: a retrospectiva. Seu objetivo é promover o momento Kaizen, em que o time busca a melhoria contínua em relação ao processo, à entrega e à interação entre as pessoas.

Ademais, diariamente, sempre no mesmo horário, o time se encontra por volta de quinze minutos para inspecionar o progresso do incremento do produto, para verificar o andamento do trabalho atual e para ajustar os trabalhos seguintes. Esse evento é chamado de Scrum diária.

Esses são os princípios de desenvolvimento de produto com Scrum: ciclos curtos e cadenciados com eventos de alinhamento, acompanhamento do trabalho e melhoria do time.

O TIME SCRUM

O time Scrum colabora para entregar produtos de maneira iterativa e incremental, maximizando as oportunidades. O Scrum fomenta um grupo multifuncional e com auto-organização.

Times multifuncionais possuem todas as competências necessárias para completar o trabalho sem depender de outras pessoas que não fazem parte dele. A eficiência do grupo depende da capacidade dos membros de trabalhar em conjunto e de fazer o melhor uso das habilidades dos indivíduos, ou seja, ser multifuncional.

Times auto-organizáveis escolhem qual é a melhor forma para completar o trabalho, em vez de serem dirigidos por uma líder ou por outras pessoas de fora do time. Não deve existir uma líder de time que decida quem vai fazer o que e como, pois todos os integrantes são responsáveis por realizar tarefas e resolver problemas.

OceanofPDF.com

**O Scrum é especialmente
adequado para produtos
com requisitos que mudam
rapidamente ou são
altamente emergentes.**



OceanofPDF.com

OS PAPÉIS DO SCRUM

Os times Scrum possuem três papéis específicos. O primeiro é a Scrum Master (SM), uma pessoa experiente com o framework que possui a responsabilidade de garantir que ele seja entendido e aplicado. Seu principal objetivo é maximizar a eficiência do time.

O segundo papel específico é a Product Owner (PO). A pessoa neste papel representa o negócio, os clientes ou os usuários, e orienta o time para a construção do produto certo. É sua principal função priorizar o backlog com base no alinhamento entre as partes interessadas, tanto internas quanto externas ao time Scrum. A PO maximiza valor por meio de um processo contínuo de desenvolvimento de produtos, guiado por aprendizado e experimentação.

Todas as demais pessoas do time Scrum são consideradas desenvolvedoras, sendo este o terceiro papel do Scrum. Essas são as pessoas de habilidades variadas comprometidas em criar todo e qualquer incremento do produto.

OS ARTEFATOS SCRUM

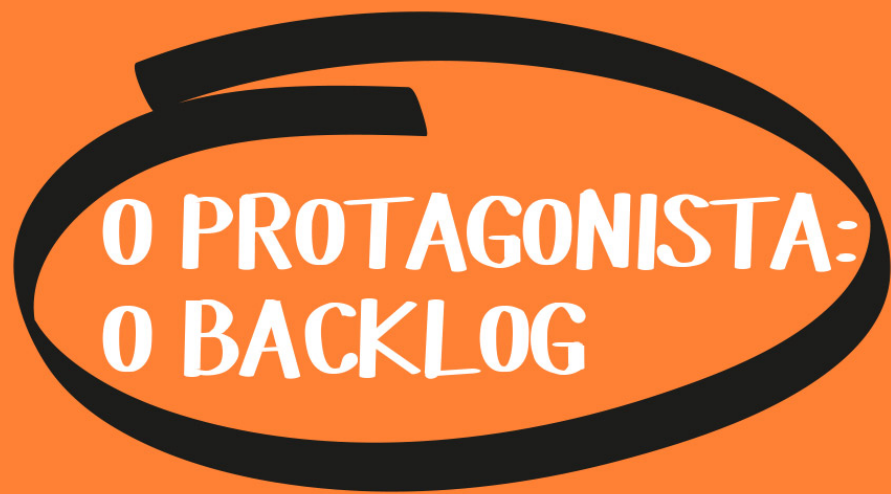
O Scrum tem três artefatos: o backlog do produto, o backlog da Sprint e o incremento do produto. Eles compartilham do mesmo objetivo de maximizar a transparência e promover o alinhamento sobre o trabalho. O backlog do produto e o backlog da Sprint descrevem o trabalho a ser desenvolvido, respectivamente, para o produto e para a Sprint.

Já o incremento é um pedaço do produto que ainda será desenvolvido. Cada incremento é adicionado aos incrementos previamente entregues e alguns deles podem ser criados em uma Sprint. Para fornecer valor, todos e cada um dos incrementos deve ser utilizável.

• • •

Compreendendo como funciona o Scrum, você poderá tirar máximo proveito do principal foco deste livro, que é sobre a melhoria dos artefatos do Scrum. Os capítulos a seguir vão ajudar você a elaborar e a entender os incrementos do produto para serem adicionados ao backlog da Sprint, bem como a refinar o trabalho para o backlog do produto.

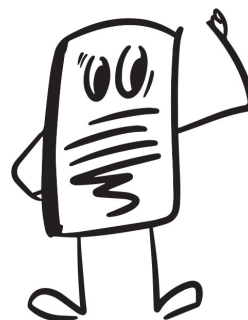
OceanofPDF.com



0 PROTAGONISTA:
0 BACKLOG

OceanofPDF.com

>



Backlog é uma peça central do Scrum. Entretanto, o framework Scrum não define como construir o backlog. É por isso que o PBB – Product Backlog Building – complementa o Scrum, auxiliando os times na elaboração e na criação de um Product Backlog efetivo.

Antes de continuarmos, dois avisos importantes: 1) o backlog é essencial para o Scrum e para vários métodos ágeis; e 2) toda a abordagem apresentada neste livro está relacionada ao backlog do produto. Quando você ler a palavra backlog, ela estará se referindo ao backlog do produto.

OceanofPDF.com

CONTEXTO DO BACKLOG

O Scrum, em 1995, apresentou o termo backlog para a área de TI.³ Logo, rapidamente, ele se popularizou. É comum ouvir a pergunta “está no backlog?” para saber se algum trabalho específico já está planejado para um time.

Outros métodos e frameworks também usam “backlog” para descrever o trabalho que precisa ser feito por alguém ou por algum grupo de pessoas. Atualmente, o termo se tornou universal e rompeu as barreiras da área de TI. Até mesmo nas residências, nas portas de geladeira, é possível encontrar um backlog (uma lista de tarefas). Mas como assim?, você pode estar se perguntando. Bom, por exemplo, veja o backlog que Naia, esposa do Fábio, deixou:



BACKLOG PARA O FÁBIO

- Fazer as compras da semana no mercado.
- Buscar roupa na lavanderia.
- Ligar para a sua mãe Roseana.
- Repassar a prova de matemática da Maria Clara.
- Criar anúncio on-line para seu pai Crisanto.

OceanofPDF.com

BACKLOG NA ESSÊNCIA

É importante entender qual é a definição de backlog em sua essência. Segundo a Wikipédia,⁴ backlog refere-se a um resumo histórico (log) de acumulação de trabalho em um determinado intervalo de tempo. Backlog é uma espécie de estoque de requisições/encomendas relativas a produtos ainda não produzidos. Grosso modo, backlog é uma “pilha de pedidos” em espera.

Essa definição apresenta aspectos importantes para nosso contexto:

- O “log” é uma lista de trabalho que pode conter atividades, tarefas, requisitos e/ou hipóteses. Ou seja, é uma lista de itens que precisam ser trabalhados;
- O “back” significa que a lista está atrasada. Ou seja, a partir do momento da construção de um backlog, com seus primeiros pontos, o tempo está passando e os itens estão cada vez mais atrasados.

A explicação anterior nos traz reflexões fundamentais quando se trata da construção do backlog do produto. Primeiro, você não precisa construir ele completo com todos os itens, mas somente com o mínimo necessário para o time começar a gerar incrementos do produto. Segundo, o time trabalha com um **sistema puxado**, ou seja, o time “puxa” os (poucos) itens do backlog para seguir trabalhando.

Construir o mínimo necessário. Essa é a essência do trabalho de times ágeis e também o conceito central do Lean Startup e da Lean Inception: o Produto Mínimo Viável (MVP). Times ágeis modernos trabalham com

backlog de produto minimamente viável para validar seu incremento do produto, ou seja, trabalham com o MVP!

OceanofPDF.com

BACKLOG: A ÚNICA FONTE DE TRABALHO

Segundo os criadores do Scrum, Ken Schwaber e Jeff Sutherland, há três aspectos fundamentais quando falamos sobre backlog:

1. O backlog do produto é uma lista ordenada e emergente do que é necessário para melhorar o produto;
2. O backlog é a única fonte do trabalho realizado pelo time Scrum;
3. A Product Owner é responsável pelo gerenciamento eficaz do backlog.

A definição de backlog no Guia do Scrum⁵ se resume em “a única fonte de trabalho”. Entretanto, muitos times Scrum trabalham com cenários complexos, nos quais o grau de incerteza é alto, e falta conhecimento sobre o que fazer.

“Nem o cliente sabe o que ele quer!” Essa é uma expressão bastante usada no mercado. E, infelizmente, é a realidade sobre o desenvolvimento de muitos produtos.

O backlog pode ser a única fonte de trabalho, mas, antes de “beber” dessa fonte, é necessário alimentá-la, ou seja, compreender e priorizar os itens que devem fazer parte desse backlog. E o PBB vai lhe ajudar com isso!

COMO TRABALHAR COM O BACKLOG

O Guia do Scrum foi disponibilizado, na sua primeira versão, em 2010. Desde então, ele é atualizado periodicamente. No update de novembro de 2020 ele sofreu uma alteração interessante do ponto de vista de backlog. Em vez de usar o termo “backlog de requisitos”, passou a usar “backlog de trabalho”. Essa mudança reflete que a metodologia Scrum passou a ser utilizada muito além de TI.

No âmbito da engenharia de software, um item de trabalho é um requisito, e um requisito de software consiste na definição documentada de uma propriedade ou comportamento que um produto ou serviço particular deve atender. Entretanto, muitos times, especialmente aqueles usando métodos ágeis, trabalham em cenários complexos, nos quais o grau de incerteza é elevado.

Diante desse cenário complexo, considere os itens de backlog não como requisitos, mas sim como hipóteses. Ou seja, com a falta de conhecimento e o alto grau de incerteza, em vez de um backlog de requisitos, você terá um backlog de hipóteses.

Você deve validar as hipóteses o mais rápido possível. Você precisa de um ciclo curto de desenvolvimento. Coloque logo o incremento do produto nas mãos dos usuários. Valide suas hipóteses. Verifique se o produto está indo no caminho certo.

Agora sim, com feedback de uso, verifique se o produto é viável. Complete um ciclo de aprendizado antes de começar o próximo. Siga na busca da criação, validação e incremento contínuo do produto.

Quando elaborar um backlog diante de um ambiente complexo, reflita mais sobre hipóteses do que sobre requisitos. Busque feedback rápido para gerar aprendizado contínuo sobre o produto.

OceanofPDF.com

GRANULARIDADE DO BACKLOG

Histórias de usuário, épicos e temas. Conforme Mike Cohn explica, “esses são apenas termos que usamos para ajudar a simplificar as discussões que os times Scrum têm”.

HISTÓRIA DE USUÁRIO: Descrição textual, de maneira breve, sobre uma pequena parte da funcionalidade desejada por um usuário final. Uma história geralmente representa um trabalho de horas ou poucos dias. Exemplo: como um jogador cadastrado em um aplicativo que agenda partidas de futebol gostaria de convidar jogadores para completar seu time.

ÉPICO: Descrição textual de um acúmulo de trabalho abrangente e relacionado, geralmente realizado em semanas ou meses. Um épico é dividido em histórias de usuário. Exemplo: buscador de partidas.

TEMA: Um agrupamento de épicos e/ou histórias de usuário relacionados ao mesmo assunto. Tradicionalmente, um tema requer trabalho durante semanas, meses ou trimestres. Exemplo: Partidas.

No PBB, além dos termos levantados por Mike Cohn, também usamos outro: funcionalidade (ou feature, em inglês). As funcionalidades são descritas em um nível mais elevado do que as histórias de usuário. Portanto, antes de começar a trabalhar em uma funcionalidade, ela deve ser analisada e detalhada em suas respectivas histórias.

FUNCIONALIDADE: É a descrição de uma ação ou interação de um usuário com o produto. Por exemplo: imprimir nota fiscal, consultar extrato detalhado ou convidar amigos do Facebook. A descrição de

uma funcionalidade deve ser o mais simples possível. O usuário está tentando fazer uma coisa? Então o produto deve ter uma funcionalidade para isso. Qual é ela?

Em geral, os times de desenvolvimento trabalham com histórias de usuário. Portanto, você deve realizar o mapeamento de funcionalidades para essas histórias.

OceanofPDF.com

ALINHANDO OS TERMOS

O PBB usa dois níveis de abstração: funcionalidades e histórias de usuário. A imagem a seguir demonstra a forma como o PBB se relaciona com esses dois níveis, lado a lado com os termos apresentados por Mike Cohn: histórias de usuário, épicos e temas.

TERMOS DO MIKE COHN	TERMOS DO PBB
TEMA	-
ÉPICO	FUNCIONALIDADE
HISTÓRIA DE USUÁRIO	HISTÓRIA DE USUÁRIO
TAREFA	TAREFA

Antes de fazer um PBB, verifique se todos estão alinhados em relação aos termos dele. Se necessário, apresente uma ilustração simples que demonstre a correlação entre os termos utilizados por métodos específicos. Por exemplo, se o time usa termos da Lean Inception, faça o alinhamento conforme a imagem a seguir.

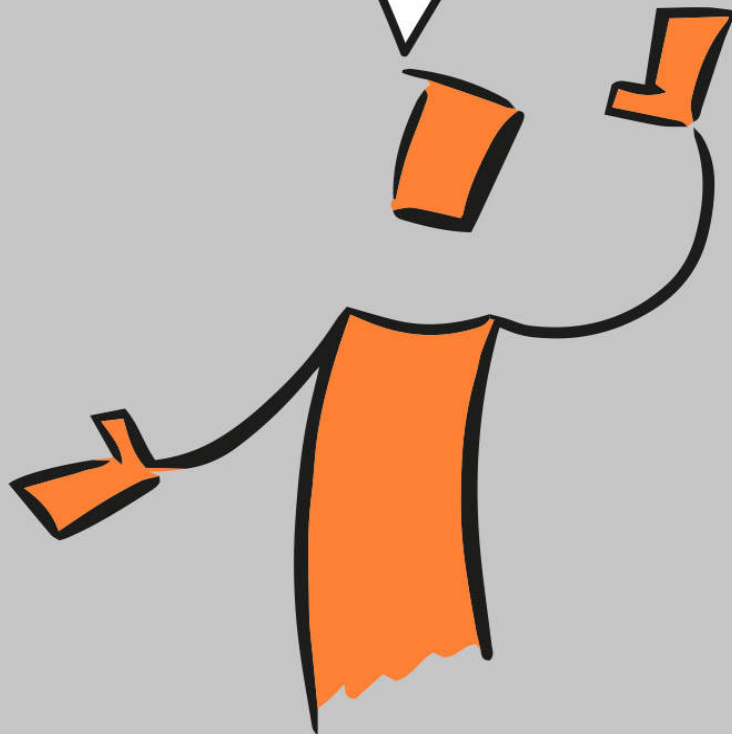
TERMOS DO PBB	TERMOS DA LEAN INCEPTION
-	MVP
FUNCIONALIDADE	FUNCIONALIDADE
HISTÓRIA DE USUÁRIO	HISTÓRIA DE USUÁRIO
TAREFA	TAREFA

Novos métodos e frameworks irão sempre surgir. Então, traga o método em questão para a conversa e alinhe os termos utilizados, correlacionando-os com funcionalidades e histórias de usuário, que são os do PBB.

Entretanto, não se apegue muito aos diferentes termos que possam surgir. No final, pode até chamar de melancia, abacaxi e laranja, se você quiser, ou use a nomenclatura segundo o seu contexto. Pense em uma pedreira, uma rocha ou uma pedra. Independentemente do rótulo, você precisa quebrar até ficar de um tamanho pequeno e adequado (por exemplo, que caiba na sua mão).

Diferentes times e organizações devem adaptar e combinar métodos e termos para o seu contexto, para a sua cultura. Use a combinação mais adequada para facilitar e simplificar a conversa entre as pessoas. Mas, apesar dos termos escolhidos, siga os passos do PBB!

Quando elaborar um backlog
diante de um ambiente
complexo, reflita mais sobre
hipóteses do que sobre
requisitos. Busque feedback
rápido para gerar aprendizado
contínuo sobre o produto.



OceanofPDF.com

-
- 3 SCHWABER, Ken. Scrum Development Process. Disponível em: <http://www.jeffsutherland.org/oops!a/schwapub.pdf>. Acesso em: abr. 2021.
 - 4 BACKLOG. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Backlog>. Acesso em: abr. 2021.
 - 5 SCHWABER, Ken; SUTHERLAND, Jeff. The Scrum Guide, 2020. Disponível em: <https://www.scrumguides.org/scrum-guide.html>. Acesso em: abr. 2021.

OceanofPDF.com

PRODUCT
BACKLOG
BUILDING

OceanofPDF.com



O PBB é a criação e o refinamento colaborativo de um Product Backlog efetivo, que define as histórias de usuário e o backlog dos times. Já o PBB Canvas é um quadro visual para a facilitação do PBB.

Entre os benefícios da metodologia PBB, podemos destacar:

- Ajuda na construção e no refinamento de um backlog de maneira efetiva e colaborativa;
- Constrói um entendimento compartilhado do negócio do cliente, facilitando a descoberta e compreensão do produto;
- Descreve a experiência do usuário com o produto;
- Facilita a descoberta e a escrita da história de usuário;
- Define um mínimo de alinhamento e planejamento inicial;
- Produz um Product Backlog totalmente alinhado com a necessidade do cliente.

A PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DE BACKLOG

O PBB – Product Backlog Building – é um método e um Canvas para a elaboração e a criação de um Product Backlog. O PBB esclarece e prioriza as histórias de usuário e os itens a serem adicionados ao backlog do time Scrum.

Como explicado, o PBB tem como principal objetivo ajudar na construção do Product Backlog. Para tanto, o método PBB sugere que o time Scrum – todos os participantes juntos – preencha o Canvas PBB. Como resultado, os integrantes alcançam um entendimento comum do produto e obtém o backlog para começar a trabalhar de maneira ágil e eficaz.

DICA: O Canvas PBB é a ferramenta que facilita o método de Product Backlog Building, o PBB.

OceanofPDF.com

A FACILITADORA DO PBB

É importante decidir quem será a pessoa facilitadora da sessão de PBB. Assim como acontece com outras práticas ágeis, o resultado do PBB será muito influenciado pela condução do mesmo. Por isso, é essencial refletir sobre isso e decidir quem facilitará a sessão.

Por exemplo, uma sessão de PBB pode durar duas horas, provavelmente um tempo bem apertado para construção do backlog. Talvez quatro horas seja um tempo mais confortável para uma sessão de PBB. Melhor ainda: oito horas – um dia de trabalho –, tempo suficiente para uma ótima sessão de PBB. É tarefa da pessoa facilitadora ajudar a decidir quanto tempo a sessão irá durar e adequar a facilitação do PBB de acordo com o contexto e a realidade do time e da organização.

Para provocar a colaboração de todas as pessoas do time, a pessoa facilitadora deve adotar ferramentas simples – como cartões, post-its, papéis, flip-charts, Canvas, paredes, quadros em branco, e/ou as ferramentas remotas equivalentes. Ela deve incentivar a comunicação ativa de todos os participantes na ideação, entendimento, análise e criação dos incrementos do produto.

E várias são as pessoas interessadas em uma boa facilitação de PBB: a Product Owner (PO), a Scrum Master, a agile coach, a gerente de produto, a desenvolvedora, entre outras.

A PO deseja maximizar valor do produto por meio de um processo contínuo de descoberta de produtos, construído em torno de aprendizado e experimentação. PBB é perfeito para isso.

A Scrum Master possui a responsabilidade de garantir que o framework Scrum seja entendido e aplicado. O backlog é peça fundamental para o trabalho de times Scrum. PBB ajuda com isso.

A agile coach foca em auxiliar o time a alcançar eficiência e eficácia, tanto para seguir as práticas ágeis quanto para realizar entregas de muito valor ao negócio. PBB ajuda a alinhar o time em relação ao backlog, e isso ajuda com eficácia e eficiência nos métodos ágeis.

A gerente de produto deseja alinhar a estratégia do produto perante o negócio, seus clientes e os outros produtos da organização. O PBB ajuda com o backlog de um time, e o alinhamento com outros produtos e a organização como um todo.

A desenvolvedora quer ser muito produtiva. Ela deseja entender o que precisa fazer e como isso conecta o produto com o negócio e os usuários. Ela quer comemorar suas entregas de muito sucesso. O PBB ajuda com isso.

Ou seja, todas as pessoas envolvidas com o backlog do produto ganham muitos benefícios de uma boa facilitação do PBB. Mas a dúvida principal permanece: quem deve ser a pessoa facilitadora?

A resposta é simples: toda e qualquer pessoa que tenha interesse em ajudar a construir um bom backlog do produto. Cada empresa e cada time deve buscar e fomentar pessoas facilitadoras.

Geralmente, alguém do time já assume o papel de facilitadora dos workshops colaborativos. Essa pessoa é uma boa candidata para uma primeira facilitação de PBB. Considere também que outras pessoas participem da atividade de facilitação, de modo que elas possam se desenvolver e, ao longo do tempo, a organização disponha de mais facilitadoras de PBB.

SIMPLES, RÁPIDO E ENXUTO

O PBB é assim: simples, rápido e enxuto.

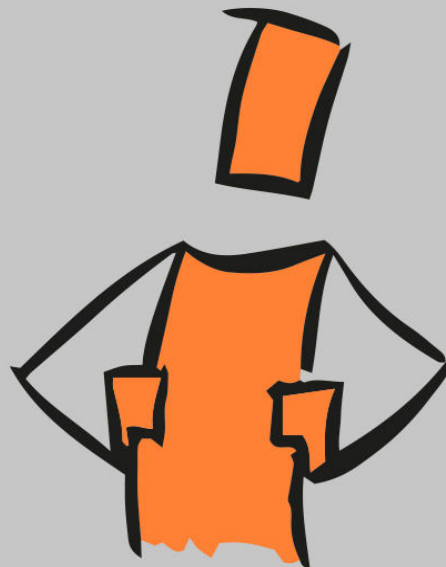
Se a sua cliente final estiver passando no corredor, enquanto o time está fazendo uma sessão do PBB, você pode convidá-la para a sessão. A linguagem utilizada é de fácil entendimento, simples. Logo, ela e toda e qualquer pessoa interessada consegue se juntar ao grupo e participar ativamente da dinâmica.

O alcance do PBB deve ser um backlog para o time poder trabalhar nas Sprints seguintes (recomendamos de duas a cinco Sprints). Dado que esse alcance é curto, as sessões devem ser rápidas, com duração entre duas a oito horas. Mais do que isso, você provavelmente estará gerando um estoque excessivo de trabalho ou antecipando conversas sobre temas que podem mudar com o tempo.

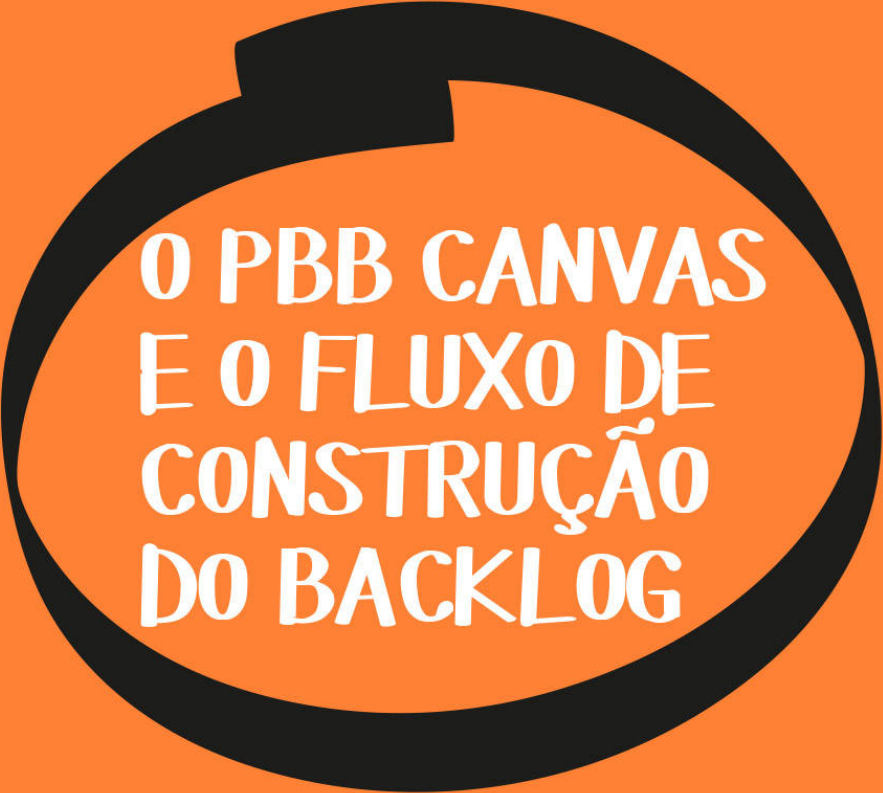
O método PBB é enxuto. Ele contempla somente os passos essenciais, sem atividades em excesso, para uma sessão efetiva de construção e refinamento do backlog.

Por ser simples, rápido e enxuto, o método é de fácil compreensão, aplicação e conexão com outros métodos e práticas.

Por ser simples, rápido e enxuto, o método é de fácil compreensão, aplicação e conexão com outros métodos e práticas.



OceanofPDF.com

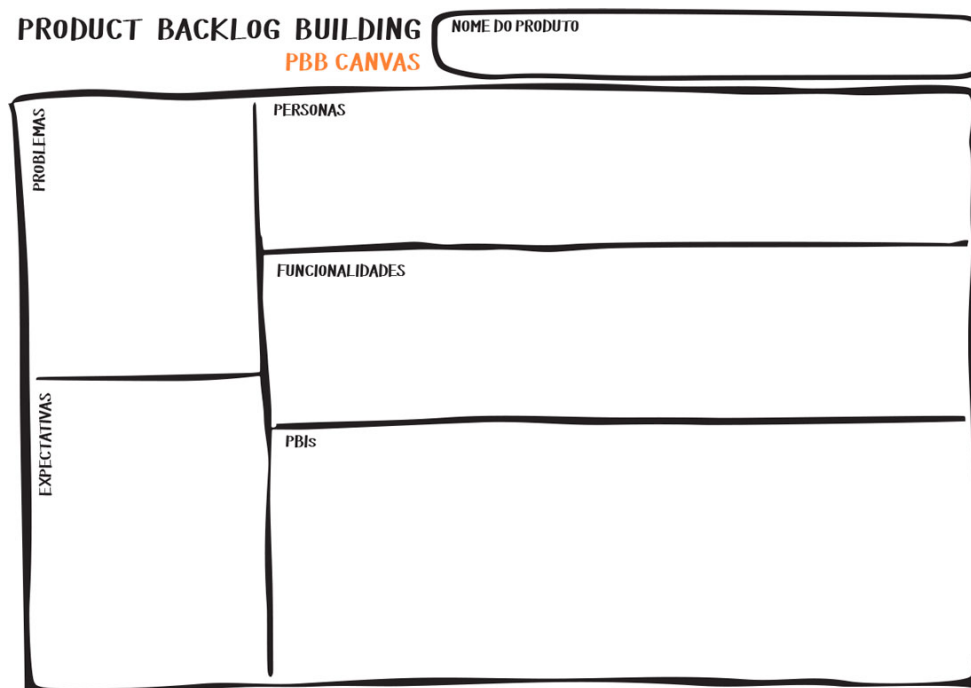


O PBB CANVAS E O FLUXO DE CONSTRUÇÃO DO BACKLOG

OceanofPDF.com



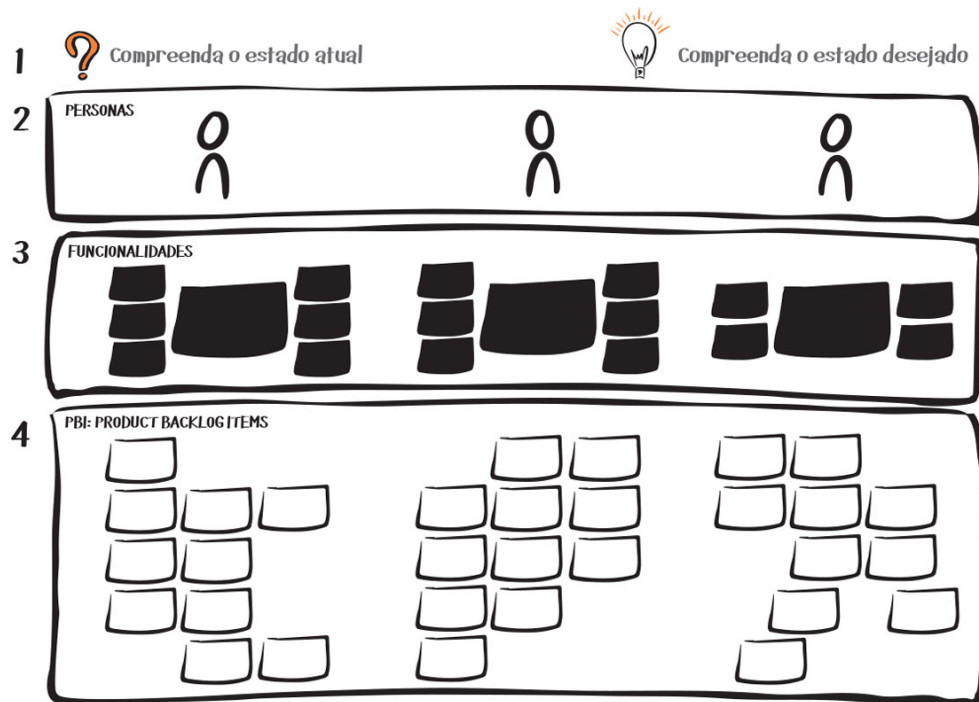
O método PBB usa o Canvas como ferramenta de facilitação. Ele provê um fluxo simples e de fácil compreensão, o que facilita o entendimento da necessidade do cliente e a construção do backlog do produto.



Para ser construído, ele deve seguir o seguinte fluxo e, nas próximas páginas, vamos descrever cada uma das etapas:

1. Contextualize o produto;

2. Descreva as personas;
3. Entenda as funcionalidades;
4. Identifique os PBIs;



CONTEXTUALIZE O PRODUTO

Em um primeiro momento, é importante esclarecer e entender o que é o produto, entender os problemas e as dores daquilo que precisa ser desenvolvido, e buscar evidenciar as expectativas e clarificar os objetivos desejados.

NOME DO PRODUTO: Identifique o produto que será construído.

Instrua os participantes a nomeá-lo da seguinte forma: imagine esse produto em uma caixa, qual nome estaria escrito nela?

PROBLEMAS: Identifique e compreenda o estado atual do produto, pontuando um conjunto de problemas e dores no contexto em questão. Instrua os participantes da sessão a buscar, de maneira colaborativa, a compreensão do cenário atual. A seguinte pergunta ajuda com isso: quais são os principais problemas e dores do estado atual?

**O Canvas provê um
fluxo simples e de fácil
compreensão, o que facilita
o entendimento da
necessidade do cliente
e a construção do
backlog do produto.**



OceanofPDF.com

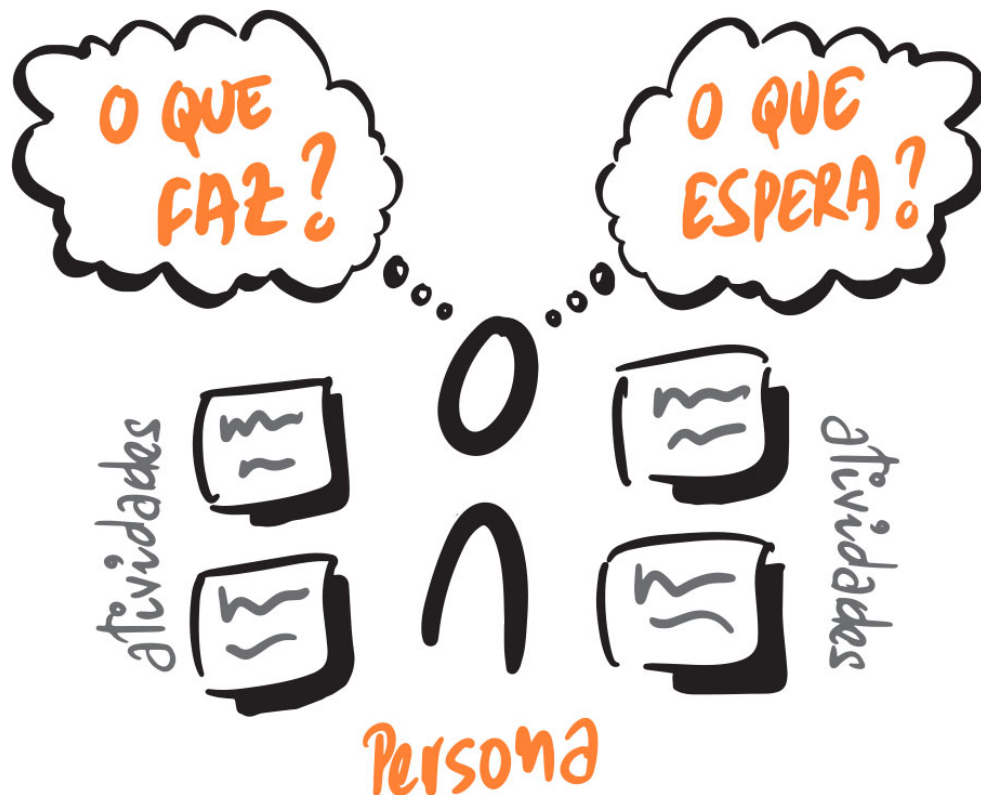
quer. No máximo, ele lhe apresenta o menu do dia, mas, dificilmente, vai questionar o seu pedido.

Com o médico não é assim. Você não chega no consultório médico pedindo um remédio, uma solução. Ele vai ouvir e conversar com você. Vai pedir exames ou ele mesmo o examinará. Ele vai primeiro tentar entender a sua dor para, depois, pensar em possíveis remédios, tratamentos ou soluções para o seu problema.

Um problema pode estar relacionado a uma ou mais expectativas. Da mesma forma, uma expectativa pode estar relacionada a um ou mais problemas. Na sessão de PBB, as atividades das sessões “problemas” e “expectativas” ajudam o time a entender onde estão em relação ao produto e onde querem chegar. Esse será o contexto, o pano de fundo para as atividades seguintes do PBB.

DESCREVA AS PERSONAS

Uma persona representa um usuário do produto e essa descrição deve falar não só o papel, mas também suas necessidades e seus objetivos. Isso cria uma representação realista dos usuários, auxiliando o time a descrever funcionalidades a partir do ponto de vista de quem vai usar o produto.



PERSONAS: Identifique as personas e suas atividades. Peça para os participantes descreverem as principais personas a partir das perguntas: qual é o perfil dela? O que ela faz? O que ela espera?



DICA: Represente no post-it o perfil da persona. Esse perfil será usado para compor a história de usuário.

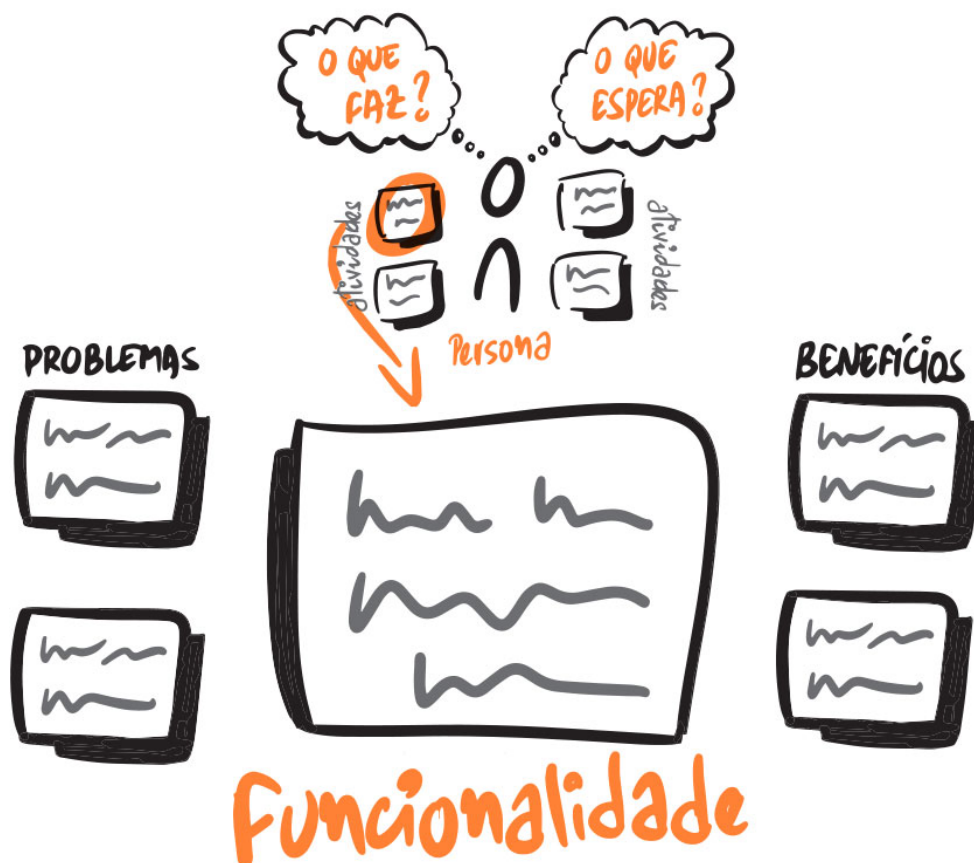
As respostas às perguntas “O que ela faz? O que ela espera?” devem ser descritas como atividades. A primeira descreve o que a persona faz hoje. Por exemplo: a palestrante vai publicar trabalho no SlideShare. Já a segunda, por outro lado, descreve algo que a persona deseja com o produto. Por exemplo: a palestrante quer submeter uma palestra para um evento.

Aproveite todo e qualquer trabalho prévio sobre personas. Atualmente, é relativamente comum encontrar workshops de discovery, inception e outras atividades que geram artefatos e conhecimentos sobre as personas – como, por exemplo, o mapa de empatia.⁶ Se esse for o caso, compartilhe o material previamente construído. Mas lembre-se de que, no momento do PBB, o foco é no perfil das personas e suas atividades, pontos necessários para o passo seguinte.

ENTENDA AS FUNCIONALIDADES

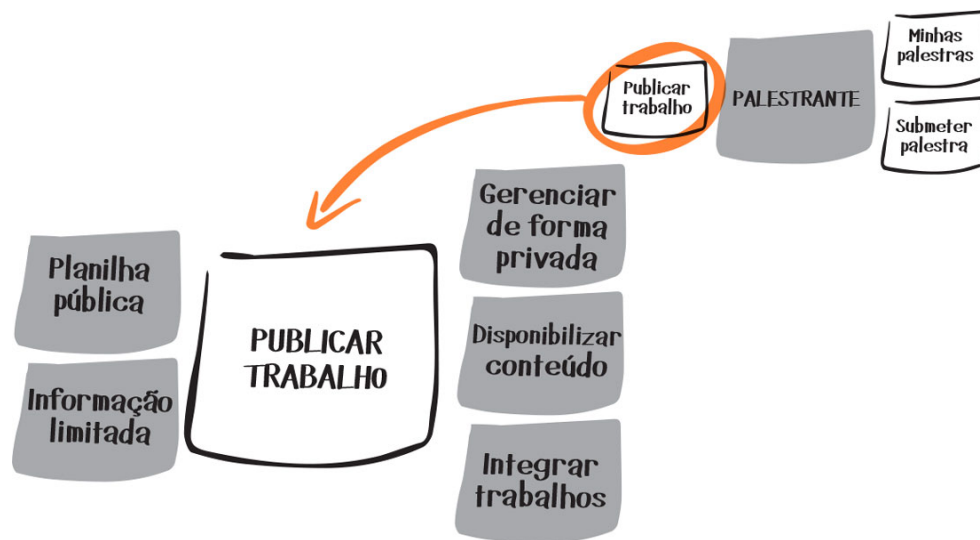
Funcionalidade é a descrição de uma ação ou uma interação de um usuário com o produto. Por exemplo: solicitar um transporte compartilhado, consultar o extrato detalhado e realizar uma compra on-line. A descrição da funcionalidade deve ser o mais simples possível.

No passo anterior, você deve ter descrito as personas e suas atividades. Analise cada uma delas, faça uma releitura das mesmas, e busque ações ou interações das personas com o produto. Represente cada uma dessas interações como uma funcionalidade.



FUNCIONALIDADES: Identifique as ações e/ou as interações de cada persona no produto. Peça para os participantes descreverem as funcionalidades a partir das questões: o usuário está tentando fazer algo, então o produto deve ter uma funcionalidade para isso. Qual é? Quais problemas da persona essa funcionalidade resolve? Quais benefícios ela traz para a persona?

DICA: Anote os “problemas” e os “benefícios” em post-its menores e posicione ao lado do post-it com a descrição da funcionalidade.



No bloco de personas já temos as suas descrições e atividades, por exemplo. Agora, no bloco das funcionalidades, busque responder à seguinte pergunta: o produto deve ter uma funcionalidade para isso, então qual é? Seguindo o mesmo exemplo, a palestrante precisa publicar o trabalho, seja no SlideShare, (a solução atual) ou de alguma outra forma. Nesse caso, a funcionalidade será “publicar trabalho”.

Exemplo de problemas relacionados a essa funcionalidade: “trabalho com informação limitada” e “compartilhamento via uma planilha pública”.

Exemplo de benefícios relacionados a essa funcionalidade: “facilidade no compartilhamento conteúdo” e “possibilidade de integrar apresentação com

plataforma de compartilhamento”.

DICA: Limite o número total de funcionalidades a dez. Mais do que isso configuraria um inventário, não um backlog. Se houver um número considerável de funcionalidades, aplique um método de priorização⁷ para selecionar as mais importantes.

Funcionalidades × PBIs

As funcionalidades são geralmente descritas em um nível mais elevado do que os PBIs. Antes de começar a desenvolver uma funcionalidade, ela deve ser analisada e detalhada em seus respectivos PBIs. No Canvas PBB, primeiro identificamos, entendemos e priorizamos as funcionalidades, para depois detalhá-las nos PBIs – o que acontece em um passo seguinte do PBB.

OceanofPDF.com

IDENTIFIQUE OS PBIS

PBIs – Product Backlog Items, em inglês – são elementos que compõem o Product Backlog. Eles refletem o trabalho de desenvolvimento para melhorar o produto, atendendo as necessidades do cliente ou das partes interessadas.

No passo anterior, você descreveu as funcionalidades, seus problemas e benefícios. Agora você deve criar seus respectivos PBIs. Para fazer isso, deve quebrar e incluir uma definição adicional para ter itens menores e mais precisos.

PBIs: Para cada funcionalidade, escreva os respectivos PBIs. Peça para os participantes responderem as seguintes perguntas: qual é o primeiro item de trabalho (ou passo) para esta funcionalidade? E o segundo? E os próximos?

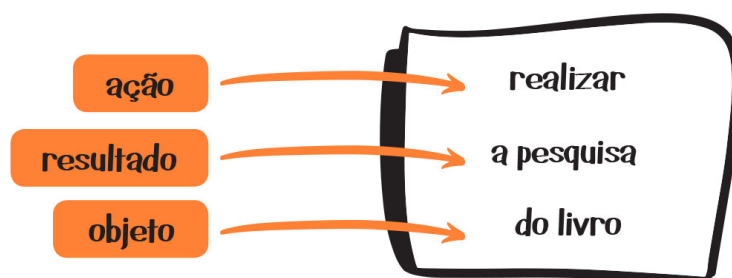
DESCREVA A AÇÃO DE CADA PBI

Cada PBI deve representar uma ação de um usuário no produto. Por exemplo: 1) “Comprar livro” e 2) “Realizar cadastro da palestrante”. Essas ações são descritas de forma textual para dar contexto e identificar unicamente o item.

Os exemplos listados trazem duas formas de escrita do item. A primeira é uma breve descrição textual, sem seguir um modelo, já a segunda segue o modelo ARO.

Modelo ARO

O modelo ARO é uma representação da ação do usuário com o produto, descrito pelo acrônimo no qual o “A” é a ação, “R”, o resultado e “O”, o objeto. A representação começa com a ação (verbo), na sequência vem o resultado e termina com o objeto dentro do contexto. Confira um exemplo de representação textual no modelo ARO.

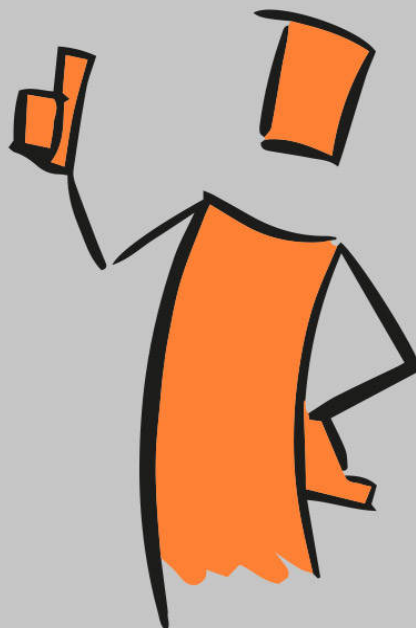


O modelo ARO foi originalmente descrito como parte de um dos passos da metodologia FDD⁸ – abreviação de Feature Driven Development –, uma

metodologia ágil criada por Peter Coad e Jeff de Luca em 1997.

OceanofPDF.com

PBIs são elementos que compõem o Product Backlog. Eles refletem o trabalho de desenvolvimento para melhorar o produto, atendendo as necessidades do cliente ou das partes interessadas.



OceanofPDF.com

Mike Cohn, no artigo Nem tudo precisa ser uma história de usuário: usando funcionalidades do FDD,⁹ descreve ARO como:

AÇÃO → RESULTADO → OBJETO

E compartilha os seguintes exemplos:

- Estimar o preço de fechamento do estoque;
- Gerar um identificador único para uma transação;
- Calcular o valor total vendido por um vendedor;
- Realizar a pesquisa do livro;
- Efetuar inscrição no evento.

Anteriormente, apresentamos um exemplo de PBI que não está no modelo ARO: “Comprar livro”. Livro comprado é o resultado. Logo, você deve buscar outro verbo para identificar a ação como, por exemplo, efetuar. Reescrevendo esse PBI no modelo ARO: Efetuar (ação) a compra (resultado) do livro (objeto).

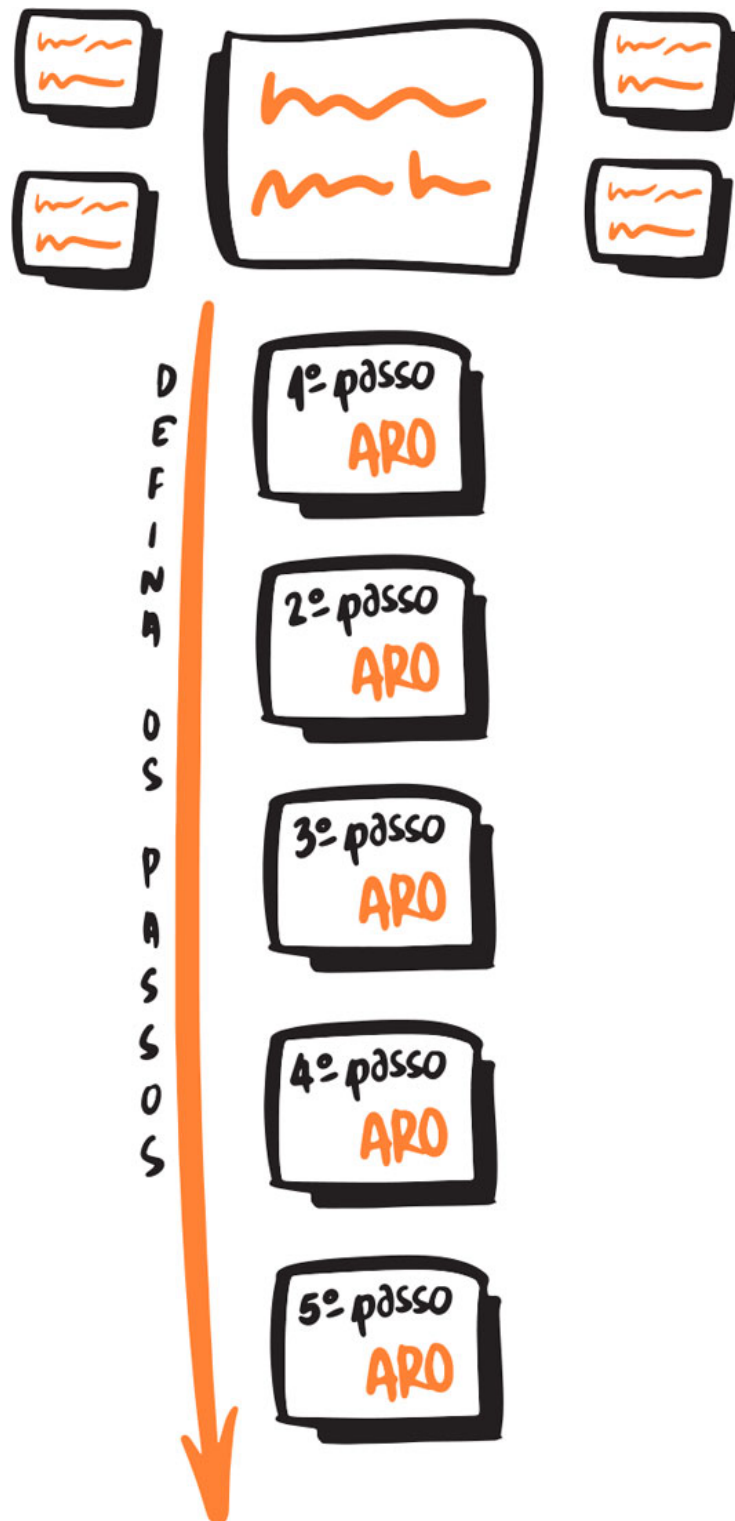
MAPEIE OS PASSOS DE UMA FUNCIONALIDADE – STEPS MAP

No PBB, a quebra de funcionalidades em PBIs é feita por meio do Steps Map, uma técnica que ajuda a quebrar uma funcionalidade em pequenos passos, e cada um deles será um PBI. O Steps Map é aplicado em duas etapas:

1. Defina o passo a passo da funcionalidade;
2. Evolua cada passo com perguntas, comentários e ideias.

1. Defina o passo a passo da funcionalidade

Comece perguntando qual é o primeiro item de trabalho (ou passo) para esta funcionalidade? Anote a resposta em um post-it. Em seguida, pergunte sobre o segundo. Anote em outro post-it e coloque-o abaixo do primeiro, e assim por diante, até completar os itens de trabalho. Note que cada item de trabalho representa um passo para a construção da funcionalidade.



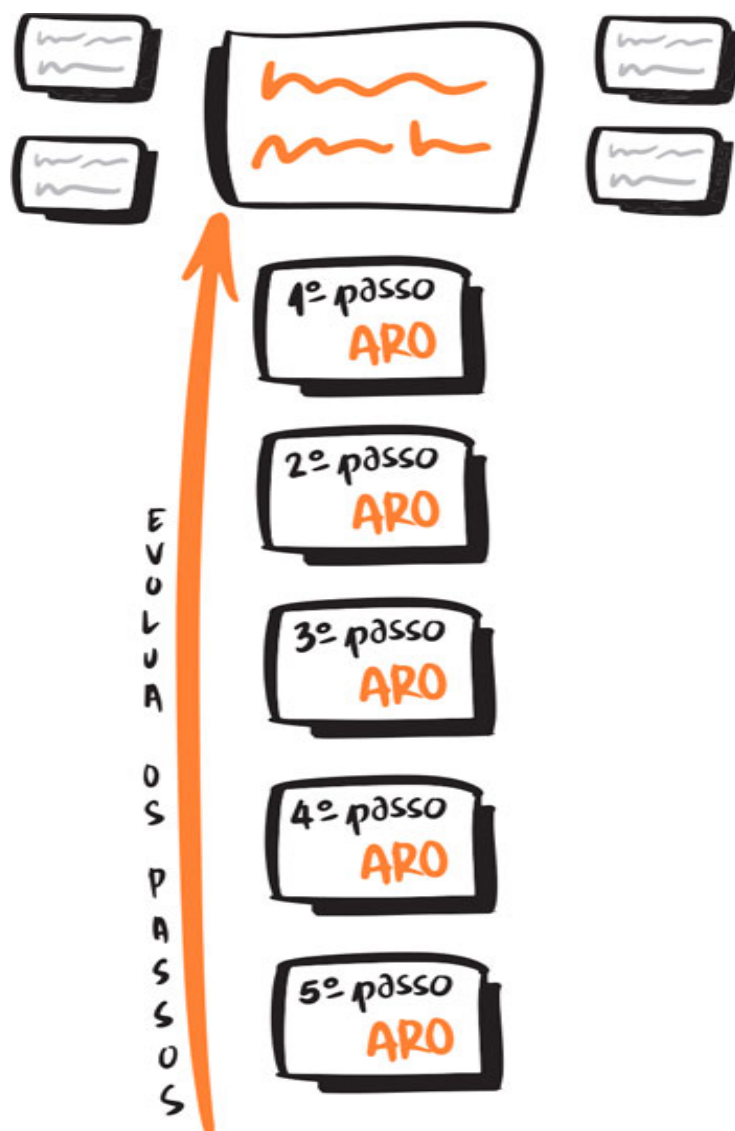
Por exemplo, considere a funcionalidade: “realizar compra on-line”. Qual é o primeiro passo dela? Fazer uma consulta sobre o produto. Qual é o

segundo passo? Fazer a seleção do produto. E depois? Adicionar o produto no carrinho, fazer o pagamento do produto e assim por diante.

2. Evolua cada passo com perguntas, comentários e ideias.

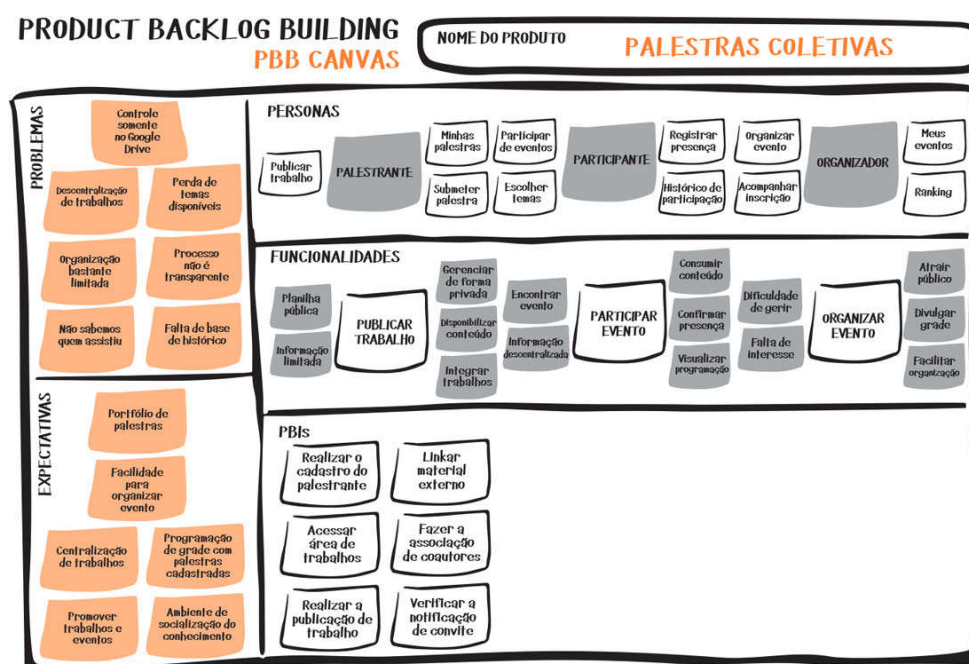
Na sequência, complete cada passo da funcionalidade com perguntas, comentários e ideias. Na etapa 1 você descreveu “como é” cada passo dela, agora deve reavaliar e refletir sobre cada um desses passos. Um questionamento pode eliminar um passo desnecessário, assim como um comentário pode melhorar um passo útil e uma ideia pode fazer nascer um passo novo.

Peça para que todos escrevam, individualmente, os questionamentos, comentários e/ou ideias para cada passo e que façam uma anotação por post-it. Para melhor visualização, vocês podem usar cores distintas para questionamentos, comentários e ideias. Por exemplo: post-it nas cores laranja para questionamentos, verde para comentários e azul para ideias.



Sugiro realizar a atividade como descrito aqui, para evitar que alguém com algum cargo de maior influência domine a conversa e as decisões. Se esse não for o caso e o grupo estiver colaborando bem, considere fazer a mesma atividade de forma verbal, descrevendo simultaneamente as perguntas, os comentários e as ideias.

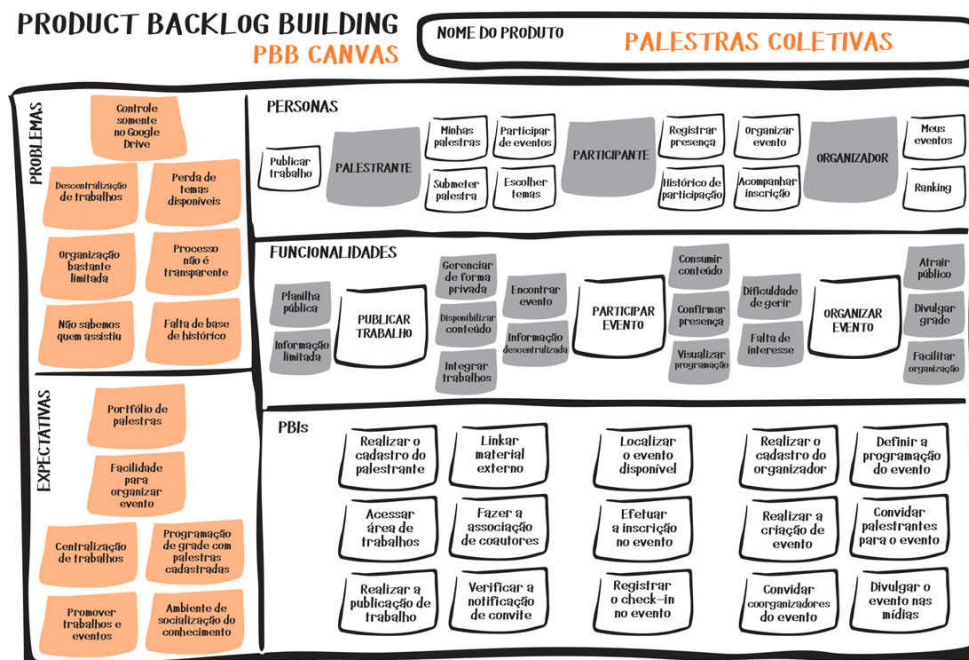
Ao final, cada passo no fluxo de trabalho representará um item do backlog, um PBI.



Lembre-se de que um Steps Map não é uma jornada de usuário.¹⁰ Uma jornada descreve o passo a passo de um usuário até alcançar um objetivo, enquanto um Steps Map descreve o passo a passo da funcionalidade até a sua completude. Um Steps Map e uma jornada de usuário serão similares quando o passo a passo de ambas refletirem, na mesma ordem: o que o usuário faz e o que precisa ser construído para completar a funcionalidade.

DICA: Provoque bastante a colaboração! Vale repetir: um questionamento pode eliminar um passo desnecessário, um comentário

pode melhorar um passo útil e uma ideia pode fazer nascer um passo novo.



Nos próximos capítulos, você verá como converter cada PBI em uma história de usuário, a representação mais comum para descrever o que deve ser feito para atender as necessidades dos usuários finais.

ORGANIZE VISUALMENTE O PBB

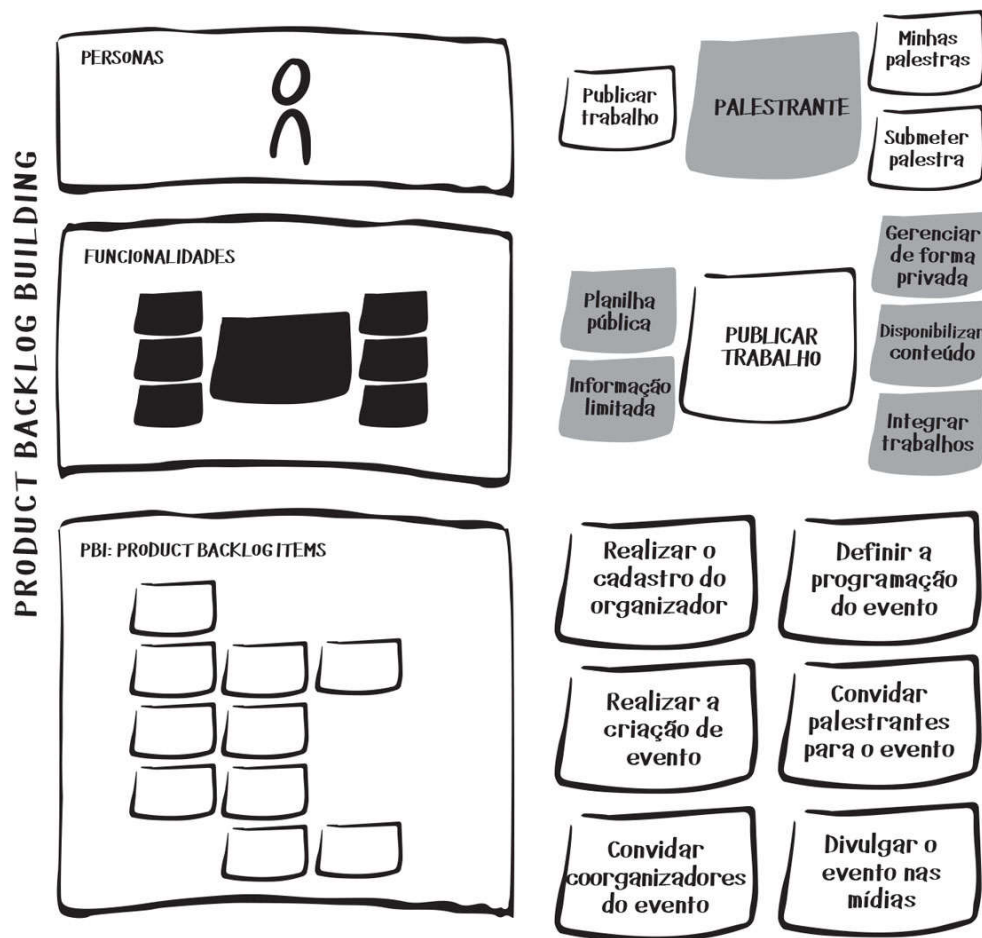
Em sessões de PBB presencial, considere imprimir¹¹ e usar um PBB Canvas no tamanho A0, com post-its grandes (76 mm x 112 mm), para as funcionalidades, problemas e expectativas; médios (76 mm x 76 mm), para as personas e os PBIs; e pequenos (38 mm x 50 mm), para “o que faz” e “o que espera” da persona, além de problemas e benefícios da funcionalidade. Crie uma identidade visual de acordo com o tamanho dos post-its e suas respectivas cores (exemplo: azul para personas, amarelo para funcionalidade).



O espaço limitado ajuda o grupo a priorizar e evitar criar muitos itens. Outra opção é usar uma parede ou uma mesa, mas mantendo a organização

visual do Canvas. Distribua os post-its obedecendo o fluxo de construção do PBB: organize as personas na parte de cima, posicione embaixo as funcionalidades relacionadas à persona e, mais abaixo, os PBIs.

O mesmo se aplica para sessões de PBB remoto. Use um dos templates disponíveis para PBB Remoto¹² ou comece com o equivalente a um quadro branco on-line. Seja qual for a sua opção, mantenha a organização visual do PBB Canvas.



**Um questionamento
pode eliminar um passo
desnecessário, assim
como um comentário pode
melhorar um passo útil
e uma ideia pode fazer
nascer um passo novo.**

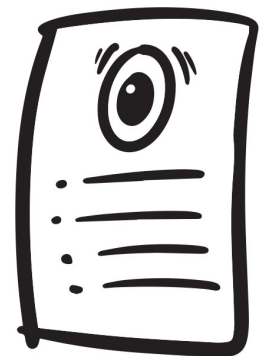


OceanofPDF.com

-
- 6 CAROLI, Paulo. Criando mapas de empatia, 2014. Disponível em: <https://www.caroli.org/criando-mapas-de-empatia/>. Acesso em: abr. 2021.
 - 7 CAROLI, Paulo. How to plan an inception (or similar workshops)? Maio, 2020. Disponível em: <https://www.caroli.org/en/how-to-plan-an-inception/#prioritisation>. Acesso em: maio 2021.
 - 8 FEATURE Driven Development. Disponível em: <http://www.featuredrivendevelopment.com/>. Acesso em: abr. 2021.
 - 9 COHN, Mike. Not Everything Needs to Be a User Story: Using FDD Features, 2015. Disponível em: <https://www.mountaingoatsoftware.com/blog/not-everything-needs-to-be-a-user-story-using-fdd-features>. Acesso em: abr. 2021.
 - 10 CAROLI, Paulo. Show the User Journeys. Abril, 2017. Disponível em: <https://martinfowler.com/articles/lean-inception/show-user-journeys.html>. Acesso em: maio 2021.
 - 11 Disponível em: <https://www.caroli.org/livro/pbb#canvas>.
 - 12 Disponível em: <https://www.caroli.org/livro/pbb#remoto>.

**COORG:
A TÉCNICA DE
PRIORIZAÇÃO
DO PBB**

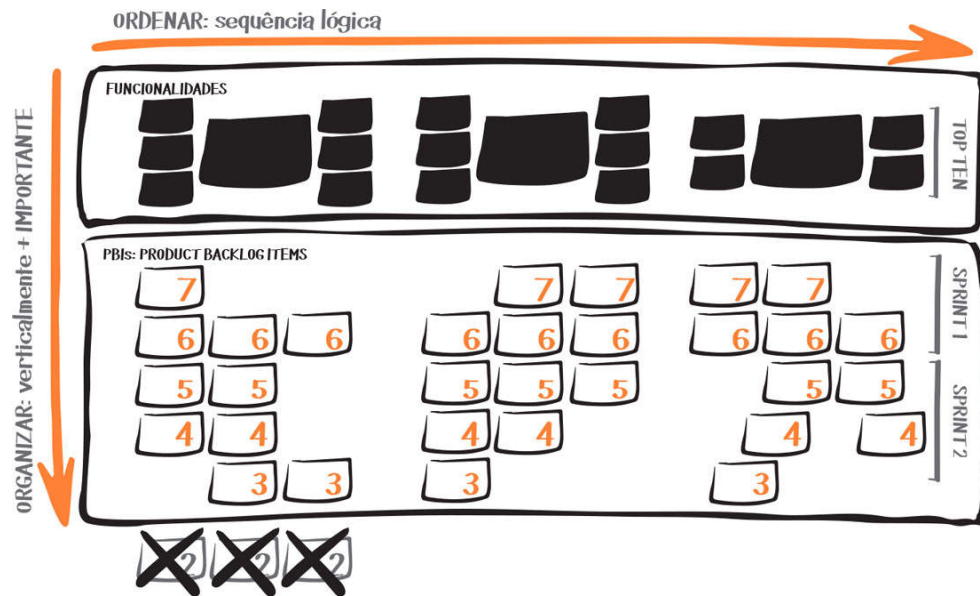
OceanofPDF.com



Ao seguir a sequência de passos do Canvas PBB, você alcançará um ótimo resultado: a lista de PBIs. E essa lista é o backlog. Dependendo do seu contexto, ela é o suficiente. Para muitos times, porém, especialmente para times ágeis que precisam planejar as próximas iterações, recomendamos adicionar mais um passo: o COORG.

Times ágeis fazem entregas incrementais. Por isso, precisam priorizar os itens de trabalho (os PBIs) para decidir em que ordem eles serão desenvolvidos. Times que seguem o Scrum demonstram essa ordem via planejamento das Sprints.

COORG é um acrônimo para **classificar**, **ordenar** e **organizar** – e ele vale para os PBIs do backlog. Dessa forma, o COORG auxilia o time a priorizar o backlog, com o objetivo de planejar e alinhar o fluxo do trabalho e/ou as próximas Sprints.



CLASSIFICAR:

Frequência de uso:

H:5	D:4	S:3	M:2	T:1
-----	-----	-----	-----	-----

Valor de negócio:

—	—	A:3	M:2	B:1
---	---	-----	-----	-----

Fórmula da prioridade: (+) frequência (+) valor

CLASSIFIQUE O BACKLOG

O PBB gera um backlog com os PBIs. A primeira etapa do COORG é classificar cada PBI. Mas, antes de fazer essa classificação, você precisa estabelecer com o time os parâmetros para isso.

Decida com o grupo quais são os critérios de classificação com suas respectivas escalas. Defina-os conforme o contexto do produto. É importante que o grupo primeiro alinhe e decida os critérios de classificação, para depois classificar os PBIs.

A seguir há um exemplo de dois critérios utilizados por um time ágil (Time X) que aplicou um PBB para um e-commerce em 2015. Ao fim do COORG, cada PBI no Canvas PBB daquele grupo recebeu uma pontuação.

EXEMPLOS DE CLASSIFICAÇÃO

Seguem os dois critérios de classificação utilizados pelo Time X:

FREQUÊNCIA DE USO: a frequência com que o usuário utiliza um PBI (lembre-se de que cada PBI é um passo no fluxo de trabalho de uma funcionalidade).

VALOR DE NEGÓCIO: o valor de negócio gerado quando o usuário utiliza o PBI.

EXEMPLOS DE ESCALA

A seguir, a escala para o critério “frequência de uso” e, entre parênteses, o número escolhido pelo time para cada ponto.

HORA A HORA (5): utilizado mais de uma vez no dia.

DIÁRIO (4): utilizado uma vez ao dia, pelo menos.

SEMANAL (3): utilizado uma, duas ou três vezes na semana.

MENSAL (2): utilizado uma vez no mês ou um pouco mais de uma vez.

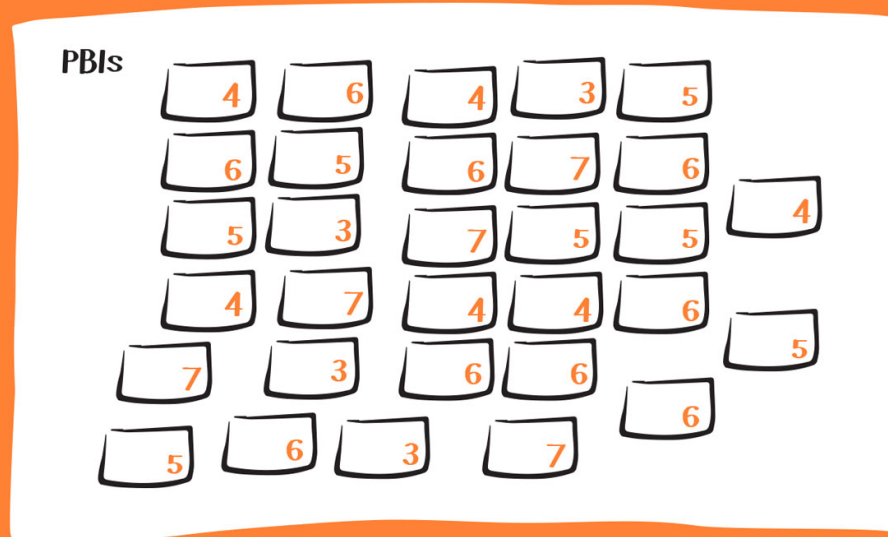
TRIMESTRAL (1): utilizado, pelo menos, uma vez a cada três meses.

Agora, segue a escala para o critério “valor de negócio” e, entre parênteses, o número escolhido pelo time para cada ponto.

ALTO (3): muito importante, principal, algo com um valor de negócio alto.

MÉDIO (2): algo que tem relevância, um valor de negócio médio.

BAIXO (1): algo que faz sentido, mas que não agrega muito valor no momento atual, um valor de negócio baixo.



Para o Time X, a prioridade atribuída para cada PBI foi calculada a partir da seguinte fórmula:

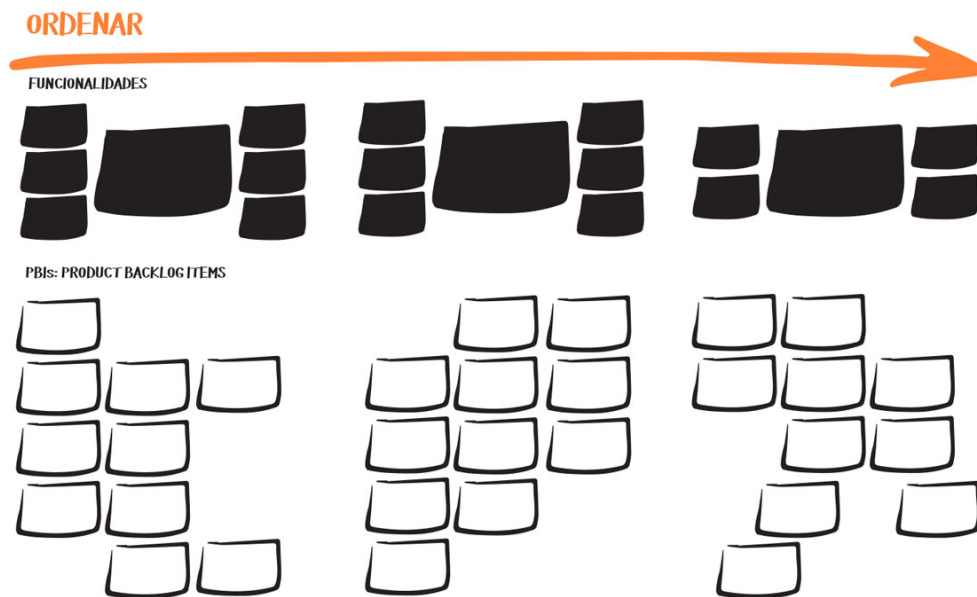
$$\text{PRIORIDADE} = \text{FREQUÊNCIA DE USO} + \text{VALOR DE NEGÓCIO}$$

Note que, no exemplo em questão, a frequência de uso tem pontuação maior do que valor de negócio. Por exemplo, dois PBIs receberam uma prioridade 6. O primeiro por uma frequência de uso 5 (hora a hora) + um valor de negócio 1 (baixo); o segundo por uma frequência de uso 3 (semanal) + um valor de negócio 3 (alto). Para o Time X, quanto maior a pontuação, maior a prioridade para um PBI.

DICA: Decida os critérios, as escalas e a fórmula que façam sentido no seu contexto específico. Classifique cada PBI e anote o resultado.

ORDENE O BACKLOG

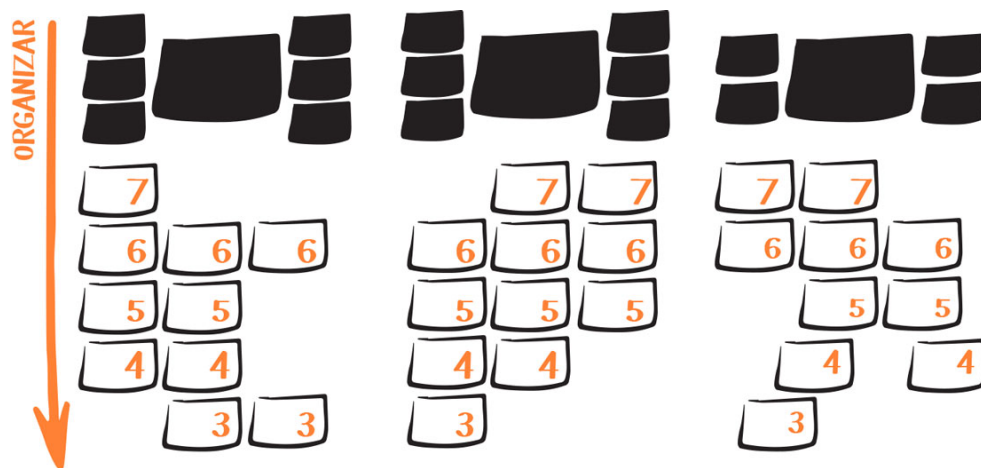
A segunda etapa do método COORG é ordenar as funcionalidades em uma sequência lógica, da esquerda para a direita, estruturando-as como em uma narrativa. Se mover uma funcionalidade, mova também seus respectivos PBIs, colocando-os abaixo da mesma.



A sequência lógica, a narrativa, deve fazer sentido para o time e contexto em questão. Por exemplo, o time A prioriza as funcionalidades segundo uma jornada do usuário. Então este time vai seguir uma sequência lógica em que as funcionalidades são passos da jornada do usuário. Em contrapartida, o time B, que participou de uma Lean Inception, vai seguir a sequência lógica definida no sequenciador,¹³ ou seja, a ordem em que o time decidiu trabalhar nas funcionalidades.

ORGANIZE O BACKLOG

Organizar: esta é a última etapa do método COORG. Para cada funcionalidade, organize os PBIs de cima para baixo da seguinte forma: coloque na primeira linha os PBIs com maior prioridade. Por exemplo, se o 8 for a maior pontuação, todos PBIs com nota 8 ficam na primeira linha. Abaixo dela, a linha do 7, depois a linha do 6, e assim sucessivamente.

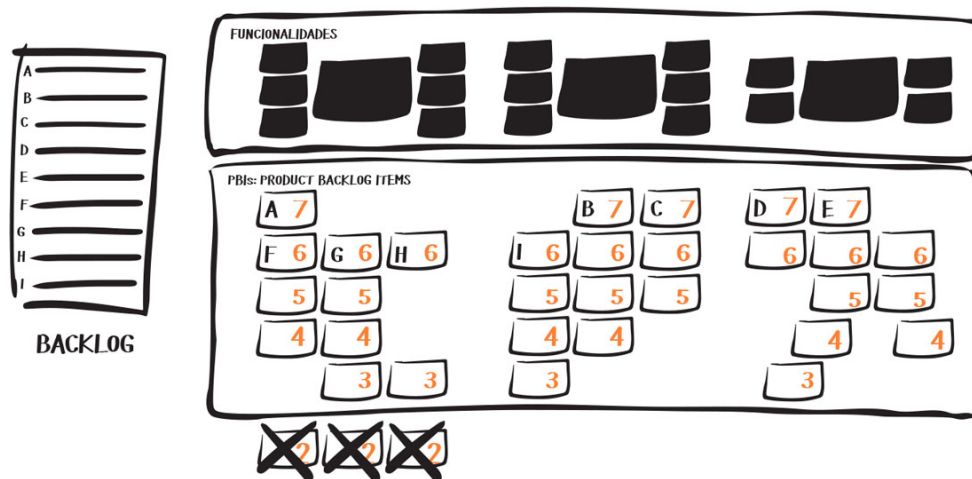


O COORG organiza os PBIs no formato de uma matriz. Para convertê-la em uma lista ordenada de trabalho, siga a matriz da esquerda para a direita e de cima para baixo. Comece com os itens da primeira linha, depois da segunda linha, e assim sucessivamente até o final.

Geralmente, os itens com nota baixa não entram no backlog, pois, por meio da aplicação do COORG, fica claro o valor reduzido dentro do contexto do produto. Nesse momento, a Product Owner pode usar seu poder de decisão para dizer “Não” a esses itens com classificações baixas.

Após aplicar o COORG nas histórias, verifique se há dependência entre elas (às vezes isso acontece, mesmo tendo aplicado o INVEST). Se esse for

o caso, a história dependente automaticamente recebe a mesma pontuação da respectiva história com maior valor. Isso é mais comum no caso dos habilitadores técnicos, os quais geralmente acompanham suas respectivas histórias.



Pronto! Agora seu backlog inicial está alinhado e priorizado!

ATUALIZE O BACKLOG PARA NOVOS PBIS

O resultado das atividades do COORG não deve ser definitivo. Ele deve ser encarado como uma priorização inicial que pode – e deve – ser atualizada conforme o backlog evoluir e novos itens surgirem. Quando, por exemplo, um feedback ou insight levar o time a criar novos itens, esses também devem passar pelo COORG para que o time decida em que ordem eles entrarão no backlog já existente.

Entretanto, novos itens não devem interromper o trabalho da Sprint atual. Pois a Sprint, sim, é intocável. Esses itens novos que surgirem devem ser classificados e priorizados no backlog, de maneira que o COORG ajude a definir em qual Sprint subsequente tal item será desenvolvido.

13 CAROLI, Paulo. Como ordenar e priorizar, 2018. Disponível em: <https://www.caroli.org/sequenciador/>. Acesso em: abr. 2021.



OceanofPDF.com



Uma vez que os PBIs iniciais estão definidos, organizados e priorizados, agora o time precisa preparar o backlog da Sprint. Os primeiros itens precisam estar preparados para a Sprint.



COMO DEFINIR A QUALIDADE DE UM PBI

A qualidade de um PBI deve ser medida tanto na entrada quanto na saída de uma Sprint, pois isso reflete dois conceitos fundamentais para os PBIs: definição de preparado (ready) e definição de pronto (done), respectivamente.

DICA: Somente deixe entrar na Sprint o que estiver preparado (ready); e somente deixe sair o que estiver pronto (done).

Definição de preparado

Definição de preparado ou, em inglês, definition of ready (DoR) é o acordo entre o time e a PO que indica quando um PBI estará preparado para ser puxado para uma Sprint, ou seja, quando ele terá informações suficientes para ir para planejamento, execução e entrega.

As pessoas costumam dizer que: “Esse item está ready para começar o trabalho”, e, geralmente, isso indica que o time:

1. Tem a informação necessária para trabalhar no item;
2. Entende o porquê do item;
3. Consegue mostrar o término do trabalho;
4. Identifica como o item compõe/se relaciona com uma funcionalidade;
5. Concorde que o item cabe em uma Sprint.

Em relação a cada PBI candidato a próxima Sprint, o time verifica se:





CHECKLIST* – PBI ESTÁ PREPARADO?

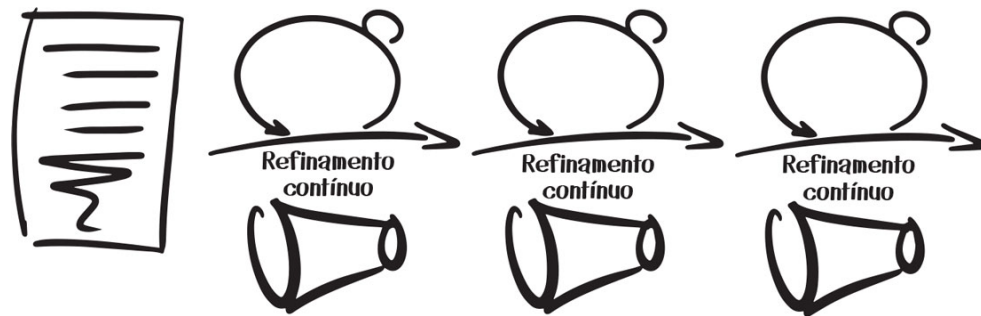
- O PBI está representado por uma história de usuário.
- O PBI está coberto por critérios de aceite & BDD.
- O PBI está mapeado para uma interface (quando necessário).
- As dependências do PBI estão identificadas (se houver).

Essa lista é um exemplo de checklist para a DoR. Todos os conceitos listados estão nos capítulos seguintes. Geralmente, os times definem e mantêm as suas checklists, que demonstram as suas preferências na preparação do trabalho.

**A qualidade de um PBI
deve ser medida tanto
na entrada quanto na
saída de uma Sprint.**



OceanofPDF.com



O refinamento do backlog do produto deve ser contínuo. A PO estará continuamente trabalhando nos próximos itens candidatos, preparando-os para a próxima Sprint, ou interação de trabalho. O uso da definição de preparado e da definição de pronto não se limita somente ao Scrum, pois também é uma prática muito útil quando estamos trabalhando com Kanban¹ e outros métodos ágeis.

Definição de pronto

Definição de pronto ou, em inglês, definition of done (DoD) é o acordo que demonstra a qualidade do PBI produzido, na qual “done” comprova a satisfação de todos com o trabalho realizado.

A DoD esclarece o entendimento do trabalho concluído como parte do incremento do produto. No momento em que um PBI atende a definição de pronto, significa que o incremento está pronto para ser liberado no produto.

Se um PBI não atende a DoD, ele não deve ser liberado ou mesmo apresentado na Sprint Review. Ele deve se manter como trabalho em progresso (WIP ou work in progress, em inglês) para o time.

Em relação a cada PBI considerado pronto, o time demonstra que o item:



CHECKLIST* – PBI ESTÁ PRONTO?

- Entrega um incremento do produto.
- Contempla os critérios de aceite estabelecidos.
- Está documentado para uso.
- Está aderente aos padrões de codificação.
- Mantém os índices de performance do produto.

Essa lista é um exemplo de checklist para a DoD. Os times definem e mantêm as checklists, que demonstram as suas preferências na verificação do trabalho.

É importante lembrar que este livro visa ajudar os times a terem os seus “backlogs ready”, mas não tem a intenção de detalhar como eles fazem para levar suas histórias de “ready” para “done”.

OceanofPDF.com

REFINAMENTO CONTÍNUO

Refinamento é o ato de quebrar as funcionalidades ou incluir informações adicionais aos PBIs para ter itens menores e mais precisos. Essa é uma atividade contínua para adicionar detalhes aos PBIs, como descrição, ordem e tamanho. A definição de preparado é o guia para o trabalho de refinamento do backlog.

PBIs refinados geralmente são alocados às Sprints seguintes. Por exemplo, um time atualmente na Sprint N, deve estar refinando itens para a Sprint N +1. Um time na Sprint 0 deve refinar itens do backlog para a Sprint 1. Um time na Sprint 6 deve refinar itens do backlog para a Sprint 7.

Essa é a forma ágil de trabalhar: sem refinar antecipadamente itens que somente serão trabalhados em um futuro distante. Projetos não ágeis tinham a tendência de primeiro refinar tudo, para depois desenvolver tudo.

DICA: Faça somente o refinamento para os PBIs seguintes (de uma a três Sprints, no máximo). Evite refinar PBIs que somente serão desenvolvidos muitas Sprints à frente.

Times ágeis trabalham com refinamento contínuo e entrega contínua. Dessa forma, no trabalho de refinamento contínuo, o time considera os insights e feedbacks dos usuários em relação aos incrementos que ele já está utilizando, os quais já foram entregues anteriormente.

Entrega contínua – do inglês, continuous delivery¹⁵ – é uma prática de engenharia de software na qual os times de desenvolvimento de software produzem um produto entregável em ciclos curtos, garantindo que o software possa ser lançado com segurança a qualquer momento.

Trilha ou trilho?!

Trabalhar com refinamento contínuo é como seguir uma trilha, não um trilho. Você não decide o trilho do trem e segue esse caminho até o fim. Você decide a trilha, caminha um pouco, verifica o feedback, ajusta o plano e caminha mais um tanto. Caminhando, aprendendo e ajustando, continuamente.

OceanofPDF.com

**Times ágeis trabalham
com refinamento contínuo
e entrega contínua.**



OceanofPDF.com

O PBB E O BACKLOG INICIAL

O PBB serve para dar um senso de direção inicial. Após aplicar o Steps Map e o COORG, você conseguirá selecionar os itens mais prioritários para refinar e desenvolver.

Muitos times fazem uma sessão de PBB na chamada Sprint 0 – a Sprint de set-up e preparação para começar o desenvolvimento. Dessa forma, refinam o trabalho para a Sprint 1 e, talvez, para a Sprint 2 e Sprint 3.

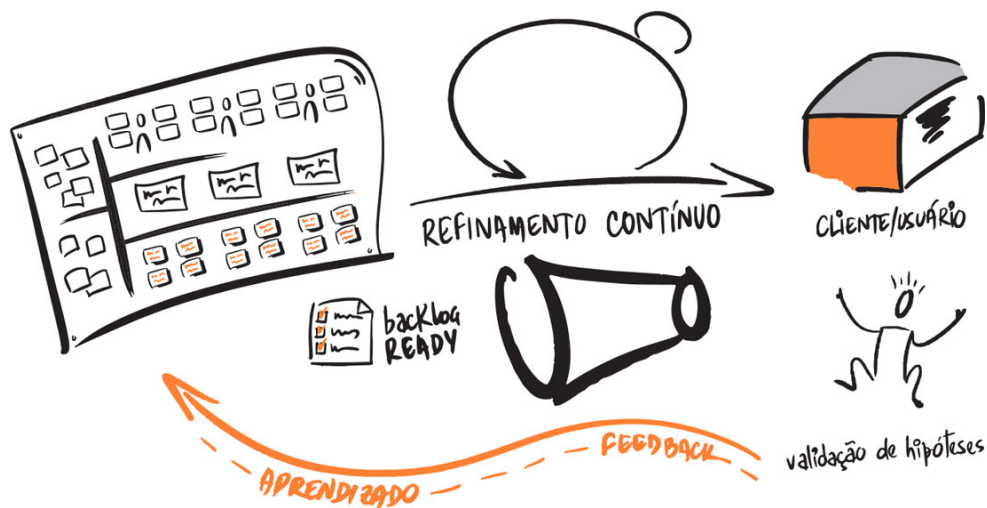
OceanofPDF.com

O PBB E O REFINAMENTO CONTÍNUO

O PBB é útil muito além do momento inicial, fazendo-se importante também para o dia a dia do time. Ao ajudar a estruturar o backlog em um refinamento contínuo, auxiliará também no entendimento das novas necessidades do produto, que vão surgir segundo os insights e feedbacks dos usuários.

Assim que o time faz uma entrega, naturalmente recebe retorno dos usuários. Isso acontece a cada incremento do produto.

Com essas informações, o time precisa estruturar o backlog, convertendo esses feedbacks e insights em funcionalidades e/ou PBIs; e reordenar o backlog com os novos PBIs.



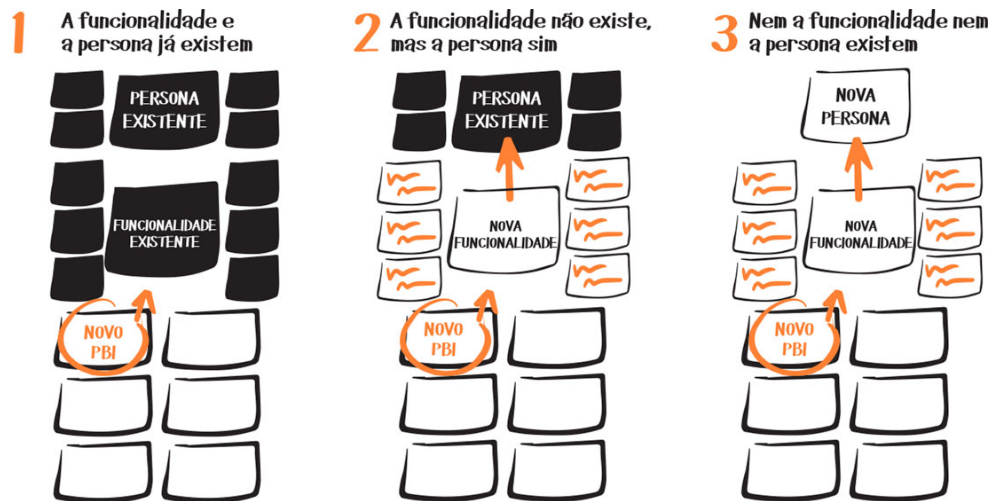
COMO ESTRUTURAR O BACKLOG

Para estruturar o backlog e converter esses feedbacks e insights em funcionalidades e/ou PBIs, você precisa identificá-los primeiramente, conforme os casos abaixo:

Feedback como PBI

Imagine que os feedbacks e insights geram um novo PBI. O primeiro passo é associar esse PBI a uma funcionalidade. Logo, em seguida, a uma persona. Com isso, há três possíveis cenários:

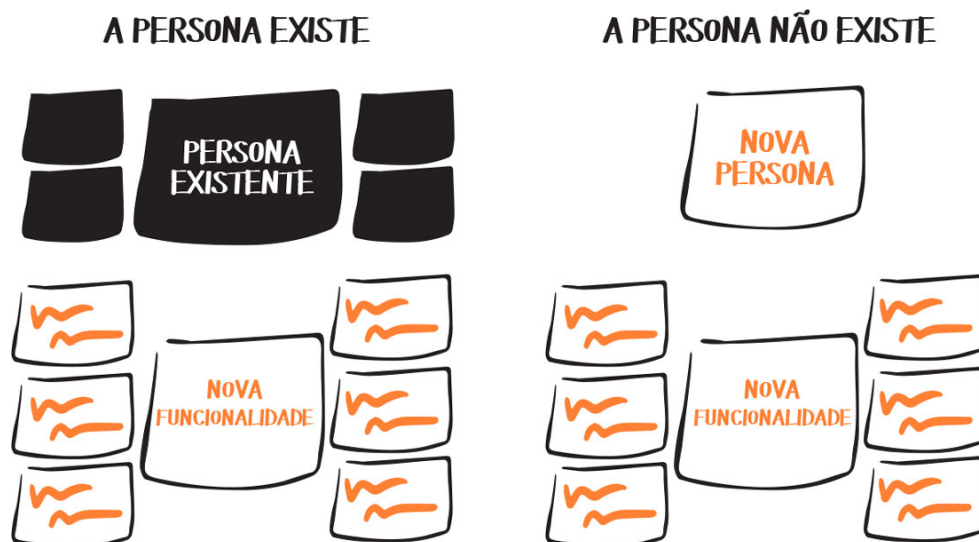
1. **A funcionalidade e a persona já existem.** Nesse caso, você associa o PBI à funcionalidade que já está associada a uma persona.
2. **A funcionalidade não existe, mas a persona sim.** Nesse caso, você precisa criar a funcionalidade, associá-la a uma persona existente e fazer o entendimento dos problemas e dos benefícios dela.
3. **Nem a funcionalidade, nem a persona existem.** Nesse caso, você deve criar a funcionalidade e a sua respectiva persona, e então fazer o entendimento da mesma com problemas e benefícios. Não é necessário descrever o que a persona faz e o que ela espera, pois você já terá a funcionalidade definida.



Feedback como funcionalidade

Imagine que os feedbacks e insights geram uma nova funcionalidade. O primeiro passo é associá-la a uma persona. Você vai encontrar dois possíveis cenários:

- 1. A persona já existe.** Nesse caso, você associa a nova funcionalidade à persona existente.
- 2. A persona não existe.** Nesse caso, você deve criar a persona e associar a funcionalidade a ela. Não é necessário escrever o que a persona faz e o que ela espera, pois você já tem a funcionalidade definida.



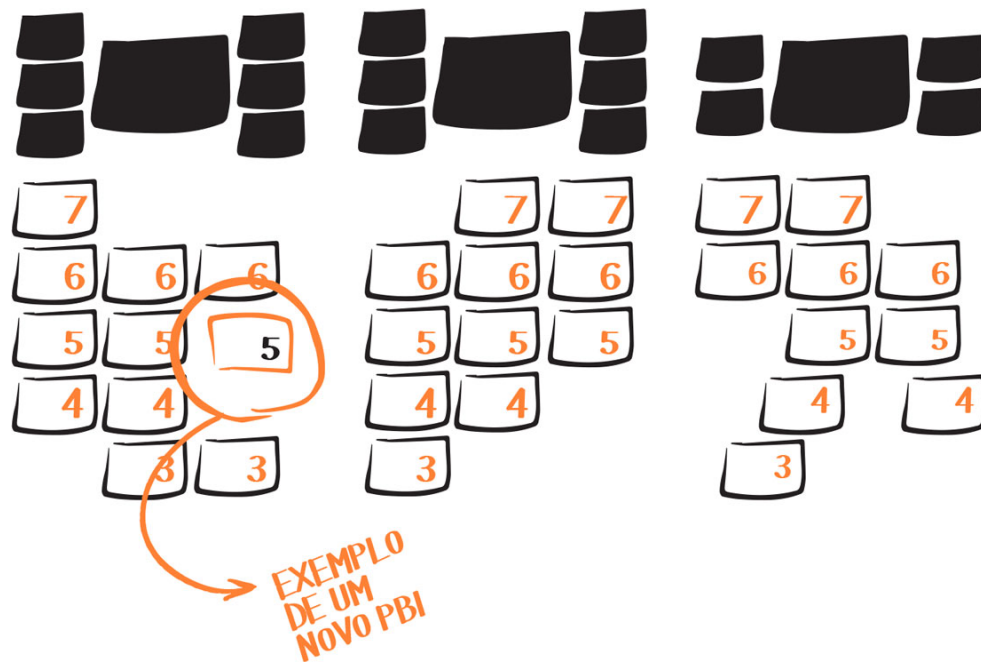
O passo seguinte é fazer o entendimento sobre problemas e benefícios da funcionalidade e, por último, fazer o Steps Map para quebrar a funcionalidade em PBIs.



COMO ATUALIZAR O BACKLOG

Conforme descrito anteriormente, você deve utilizar o COORG quando novos itens são identificados para o backlog, deve classificá-los para poder compará-los com os PBIs que já estão ali e, por fim, precisa atualizar o backlog.

Seguindo o fluxo do COORG, comece classificando os novos PBIs. Logo, você ordena os PBIs de acordo com a sua funcionalidade. E finaliza organizando – nesse caso, reorganizando – o backlog segundo a pontuação dos PBIs (novos e antigos).



* Baixe a checklist e outros materiais complementares ao livro em <https://www.caroli.org/livro/pbb#extra>.

14 CAROLI, Paulo. O que é Kanban? Abril, 2015. Disponível em: <https://www.caroli.org/sobre-o-kanban/>. Acesso em: maio 2021.

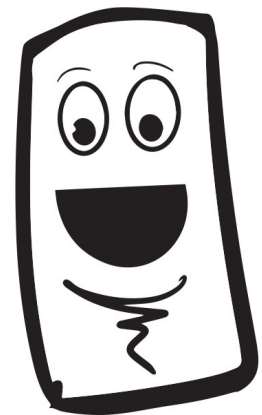
- * Baixe a checklist e outros materiais complementares ao livro em <https://www.caroli.org/livro/pbb#extra>.
- 15 ENTREGA contínua. Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Entrega_cont%C3%ADnua, Acesso em: abr. 2021.

OceanofPDF.com



PBB E HISTÓRIA DE USUÁRIO

OceanofPDF.com



O Product Backlog Building facilita a descoberta e escrita das histórias de usuário. Então, primeiro vamos fazer uma revisão dos conceitos e, na sequência, ver a mágica que o PBB faz nesse quesito.

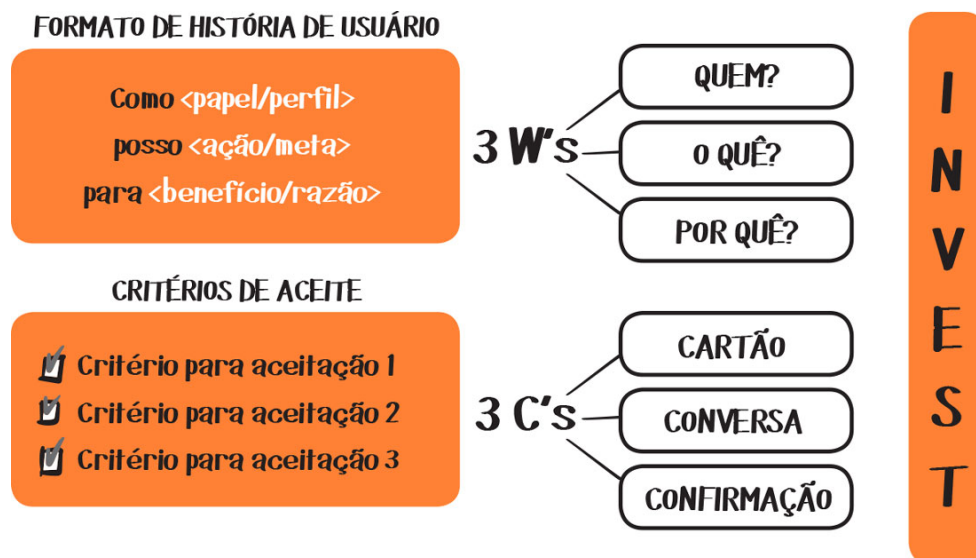
O Guia do Scrum não esclarece como um item do backlog deve ser representado. Os criadores do Scrum deixam em aberto, então você pode representar da forma que desejar. Com isso, ele pode ser apresentado de maneira textual, como na utilização do modelo ARO, ou como história de usuário (a forma mais usada por times ágeis). Cada história é apenas um “lembrete” da necessidade do cliente, ou seja, fornece uma forma para promover a comunicação e representar os requisitos (necessidades) mais do que documentá-los.

DICA: Os melhores documentos em métodos ágeis ajudam a recordar nossas conversas, e não a substituí-las.

OceanofPDF.com

HISTÓRIA DE USUÁRIO

As histórias de usuário nasceram com o propósito de que a própria pessoa afetada escrevesse. Porém, com o decorrer dos anos, a Product Owner virou a principal responsável por escrever histórias de usuário e organizá-las em um backlog de produto. Em outros contextos, qualquer um pode escrever uma história de usuário. Geralmente, uma funcionalidade com granularidade maior é desmembrada em algumas histórias.



História de usuário é um formato textual para a descrição concisa de um requisito que busca responder às três indagações básicas do acrônimo que representa os 3Ws: Who – quem? What – o quê? E why – por quê?

William C. Wake, em seu livro *Extreme Programming Explained*,¹⁶ criou o acrônimo INVEST, que define um conjunto simples de regras usadas na criação adequada de histórias de usuário. Cada letra do acrônimo representa

uma das seis características importantes de uma história de usuário: independente, negociável, valiosa, estimável, small (pequena) e testável.

Alguns anos após a criação do acrônimo, Mike Cohn,¹⁷ um dos grandes autores sobre histórias de usuário, renomeou a letra S, de small, para sized appropriately (sob medida), refletindo que algumas pessoas criavam histórias um pouco maiores, mas adequadas ao seu contexto.

OceanofPDF.com

**O Product Backlog Building
facilita a descoberta
e escrita das histórias
de usuário.**



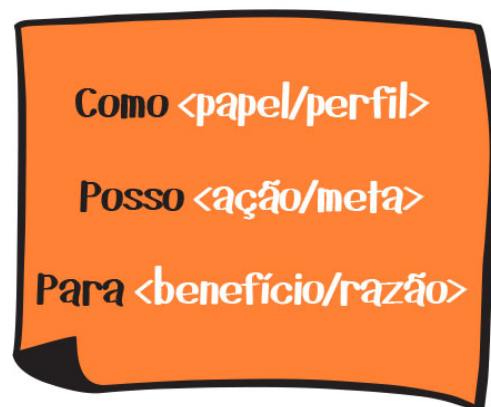
OceanofPDF.com

- **INDEPENDENTE**: Uma história não depende de outra.
- **NEGOCIÁVEL**: Uma história captura a essência do que é desejado. Não é um contrato fechado, conversas e negociação são bem-vindas.
- **VALIOSA**: Uma história descreve, claramente, o valor para o cliente.
- **ESTIMÁVEL**: Uma história fornece informações suficientes para o time elaborar uma estimativa de alto nível.
- **SOB MEDIDA**: Uma boa história deve ser relativamente pequena em tamanho para ser concluída no menor tempo possível e caber em uma iteração, considerando o contexto do time.
- **TESTÁVEL**: Uma história deve estar clara o suficiente para que testes possam ser definidos para ela.

O acrônimo INVEST ajuda a escrever boas histórias: ela é independente? Negociável? Valiosa para o negócio? Estimável? Sob medida? Testável?

Além do INVEST, uma boa história de usuário consiste em três elementos, comumente chamados de 3Cs:

CARTÃO: A descrição da história de usuário deve caber em um cartão índice, contendo o suficiente para identificá-la. O formato mais comum é:



CONVERSA: A principal intenção de colocar as histórias de usuário em um formato de cartão de índice é que não há espaço para escrever muito. Logo, muita conversa é necessária para esclarecer as dúvidas e detalhar o trabalho necessário para implementar a mesma. Trabalhar com histórias de usuário significa aceitar que as conversas sobre o trabalho serão contínuas, não somente no início quando o requisito é inicialmente definido. Os melhores documentos nos ajudam a recordar nossas conversas, não as substituem.

CONFIRMAÇÃO: É nessa etapa que determinamos se o objetivo da história de usuário é alcançado. Para tanto, os critérios de aceitação confirmam que a história de usuário foi implementada corretamente e entregue com êxito. Os critérios de aceitação devem ser definidos para cada história antes que o time comece a implementá-la. Dessa forma, não há surpresas no momento de verificar a entrega da mesma.

Esses são os três aspectos críticos que as histórias de usuário devem ter. A partir disso, teremos conversas colaborativas para melhor entender e detalhar a história até que, quando pronta, receberemos a confirmação, geralmente pela PO.

HABILITADOR

Por vezes, temos muita dificuldade para escrever uma história específica. Por mais que pensamos em INVEST e 3Cs, não conseguimos escrevê-la de maneira satisfatória.

Se e quando isso acontecer, tente verificar se você tem um desses dois casos: 1) a história depende de algum estudo prévio, ou 2) a história depende de algo bem técnico (e que demanda um esforço considerável).

Em ambos os casos, ou você cria uma história grande e considera isso como parte dela, ou separa em algo à parte – um habilitador. Esse “algo à parte” recebe o nome de habilitador pois não está aderente ao formato de história. Ele é um PBI necessário para habilitar uma outra história.

Habilitador exploratório

Como desenvolvedor, quero pesquisar como funciona mensageria assíncrona para decidir como implementar o chat.

Não. Isso não é uma história, e não precisa estar descrita dessa forma. Isso é um habilitador exploratório, necessário antes de uma história de usuário, como a seguinte:

Como participante, quero enviar mensagens no chat do evento para interagir com outros participantes.

Esse exemplo demonstra a necessidade de trabalhar em um habilitador exploratório antes de trabalhar na história. Um habilitador exploratório realiza pesquisa, atividades prévias, esclarecimentos e/ou escolha entre opções para possibilitar o trabalho efetivo em uma história.

Spike¹⁸ é um sinônimo para habilitador exploratório. O termo é comumente utilizado por times Scrum.

DICA: Descreva um habilitador seguindo o modelo ARO. Não há necessidade de escrevê-lo no formato de história de usuário. Em vez de “como desenvolvedor, quero pesquisar como funciona mensageria assíncrona para decidir como implementar o chat”, siga o modelo ARO: “realizar pesquisa da mensageria assíncrona”.

Habilitador técnico

Requisitos não funcionais, refatorações, melhorias no pipeline ou na infra de testes. Esses são alguns exemplos de atividades que, por vezes, têm esforço muito elevado para serem consideradas como parte de uma história de usuário.

Nesses casos, você pode descrevê-los como habilitadores técnicos. Você deve também indicar quais histórias dependem deles. Todavia, seja muito cauteloso para não exagerar e acabar com um backlog somente de habilitadores.

DICA: Descreva um habilitador seguindo o modelo ARO. Não há a necessidade de escrevê-lo no formato de história de usuário. Em vez de “como desenvolvedor, quero migrar a suíte de testes automatizados para melhorar a performance”, siga o modelo ARO: “realizar a migração de testes automatizados”.

CRITÉRIO DE ACEITE

Critério de aceite é um formato textual que descreve como validar uma história de usuário. Geralmente, uma história de usuário terá alguns critérios de aceite (ou ACs, do inglês acceptance criteria).

Os ACs fornecem uma lista de verificação que determina quando uma história de usuário está concluída e funcionando. A partir deles, todos os envolvidos irão saber se a história está completa. Tipicamente isso é verificado junto a PO, que realiza o aceite da história, ao comprovar que todos ACs estão ok.

Por exemplo, considere a seguinte história: “como cliente, gostaria de sacar dinheiro no caixa eletrônico para evitar a fila do banco”. Segue uma possível lista de ACs dessa história:



- O cliente com saldo suficiente consegue sacar dinheiro da sua conta.
- O cliente sem saldo suficiente não consegue sacar dinheiro da sua conta.
- O cliente com saldo suficiente não consegue sacar dinheiro da sua conta se o caixa eletrônico não tiver dinheiro suficiente para o saque.

O formato apresentado é comparado a uma checklist usada para verificar se a história está completa e funcionando, ou seja, se passa por todos os ACs.

DICA: Se uma história tiver mais de cinco critérios de aceite, considere quebrá-la em duas.

OceanofPDF.com

BDD

Desenvolvimento orientado a comportamento ou, em inglês, behavior driven development (BDD) é uma especificação executável para validar os critérios de aceite de uma história.

O BDD foi concebido em 2003 por Dan North como uma evolução da implementação do TDD – test driven development ou, em português, desenvolvimento orientado a testes.

Tanto no TDD quanto no BDD, a especificação é um código executável que deve ser escrito antes do desenvolvimento. No caso do BDD, tal especificação é descrita em linguagem natural; enquanto no TDD, tal especificação é descrita em uma linguagem de programação. TDD segue a perspectiva de desenvolvimento orientada a testes. BDD a perspectiva de desenvolvimento orientada a especificações.

Praticantes de BDD descrevem os comportamentos desejados para o produto por meio de exemplos concretos. Tal como:

CENÁRIO: Saque disponível.

Dado que o cartão é válido e a conta tem saldo maior que R\$ 500,00

Quando o cliente solicitar o saque de R\$ 500,00

Então o caixa eletrônico deve dispensar R\$ 500,00.

A especificação apresentada define um dos critérios de aceite de uma história de usuário (como cliente, gostaria de sacar dinheiro no caixa

eletrônico para evitar a fila do banco). O modelo* que você poderá utilizar está a seguir:

CENÁRIO: Título

Dado que <contexto inicial>

Quando <evento ou ação>

Então <resultado esperado>.

Recomendamos que você descreva cada AC no formato "Dado que – Quando – Então". Mas vá além! Verifique a aceitação dos ACs via um código executável. Frameworks como o Cucumber¹⁹ conseguem interpretar o formato "Dado que – Quando – Então" do BDD em requisitos executáveis.

OceanofPDF.com

TAREFA

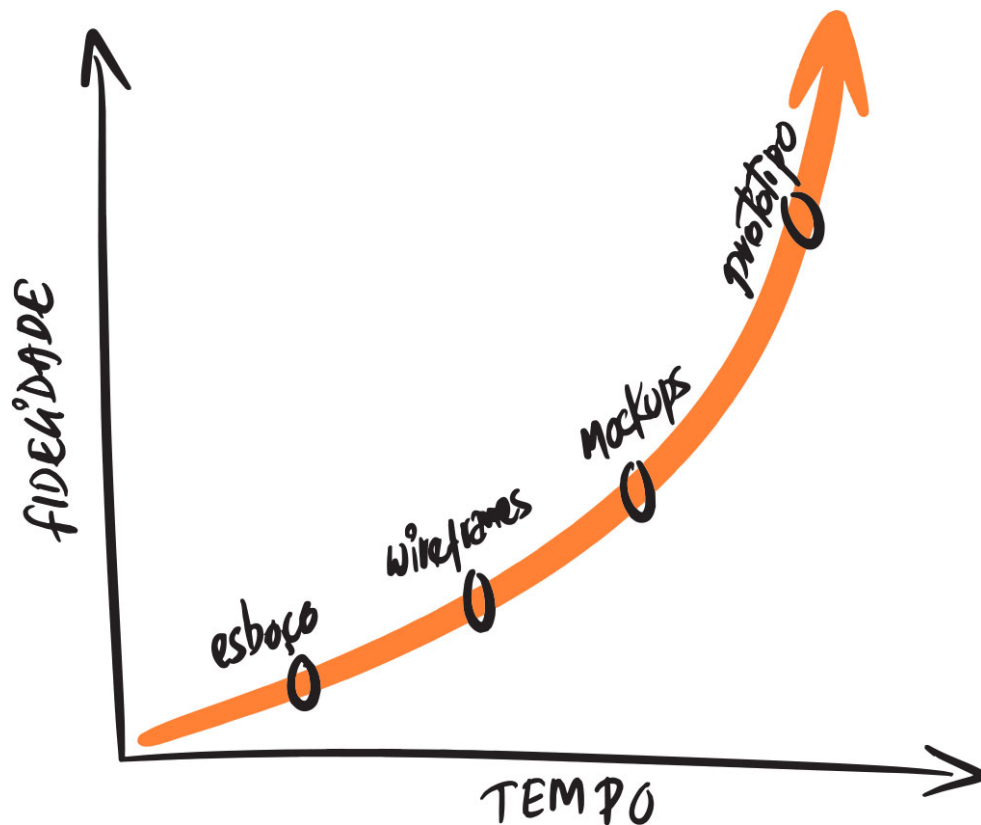
É muito comum quebrar uma história em pedaços ainda menores sobre o trabalho que deve ser feito: essas são as tarefas. Ao listar as tarefas necessárias para construir uma história, o time de desenvolvimento entra em detalhes técnicos sobre como os pedaços menores serão implementados. Diferente das histórias, as tarefas não seguem um formato textual definido. Elas são mais diretas, com uma linguagem bem técnica, do time de desenvolvimento para o time de desenvolvimento.

Uma tarefa identifica algo que precisa ser feito, algo necessário para uma história. Como tal, a tarefa não será necessariamente independente e não irá demonstrar o valor de negócio. A maioria delas tende a ser para pessoas programadoras, descritas com termos utilizados pelas mesmas. Alguns exemplos de tarefas são: alterar campos da tabela de partida, criar contas de teste para usuários, automatizar os scripts de geração de dados e assim por diante.

INTERFACE

Nem todo PBI está associado a uma interface. Mas, para os itens que estarão associados a alguma interface do usuário (ou UI, do inglês user interface), você precisa esclarecer tal associação no contexto da história de usuário.

Uma interface pode ser descrita de algumas formas: esboço (ou desenhos simples em um papel), wireframes, mockups ou protótipo. A forma de descrevê-la varia de time para time, dependendo da fidelidade e do tempo gasto para detalhá-la.



“Mostra a UI aí” é basicamente o que uma pessoa do time vai dizer ao elaborar uma história de usuário com as suas tarefas e critérios de aceite. Alguns times têm acesso a um mockup em alta fidelidade, enquanto outras recebem um desenho simples representando a UI, de baixa fidelidade, como desenhos em post-its ou até mesmo no papel da padaria.

O quanto da interface precisa estar definida para começar o trabalho na história?

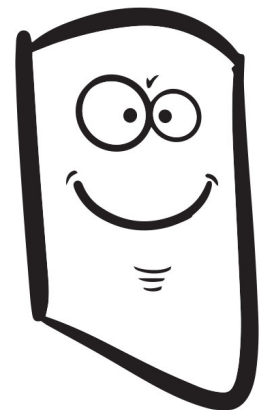
A resposta para essa pergunta é basicamente o acordo do time para decidir se a história está pronta do ponto de vista da UI. O mais importante é que o grupo esteja alinhado e confortável com o trabalho a ser realizado.

-
- 16 WAKE, William C. Extreme Programming Explored. Boston, EUA: Addison-Wesley Professional, 2001.
 - 17 CONH, Mike. User Stories Applied. Boston, EUA: Addison-Wesley Professional, 2004.
 - 18 THE Agile Dictionary. Spike. Disponível em: <http://agiledictionary.com/209/spike/>. Acesso em: maio 2021.
 - 19 10 MINUTE Tutorial. Cucumber. Disponível em: <https://cucumber.io/docs/guides/10-minute-tutorial/>. Acesso em: abr. 2021.
 - * Baixe a checklist e outros materiais complementares ao livro em <https://www.caroli.org/livro/pbb#extra>.



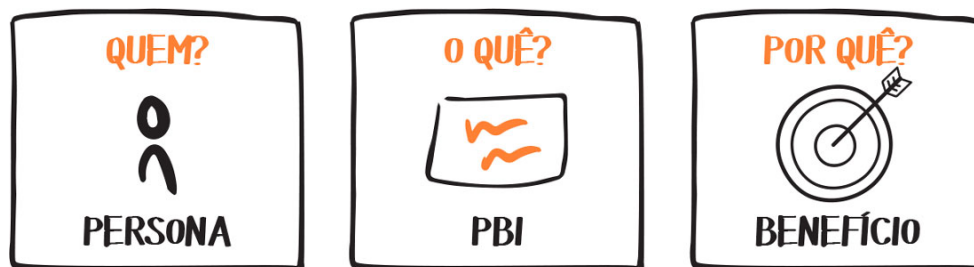
**ESCREVA
HISTÓRIAS
DE USUÁRIO
COM O PBB**

OceanofPDF.com

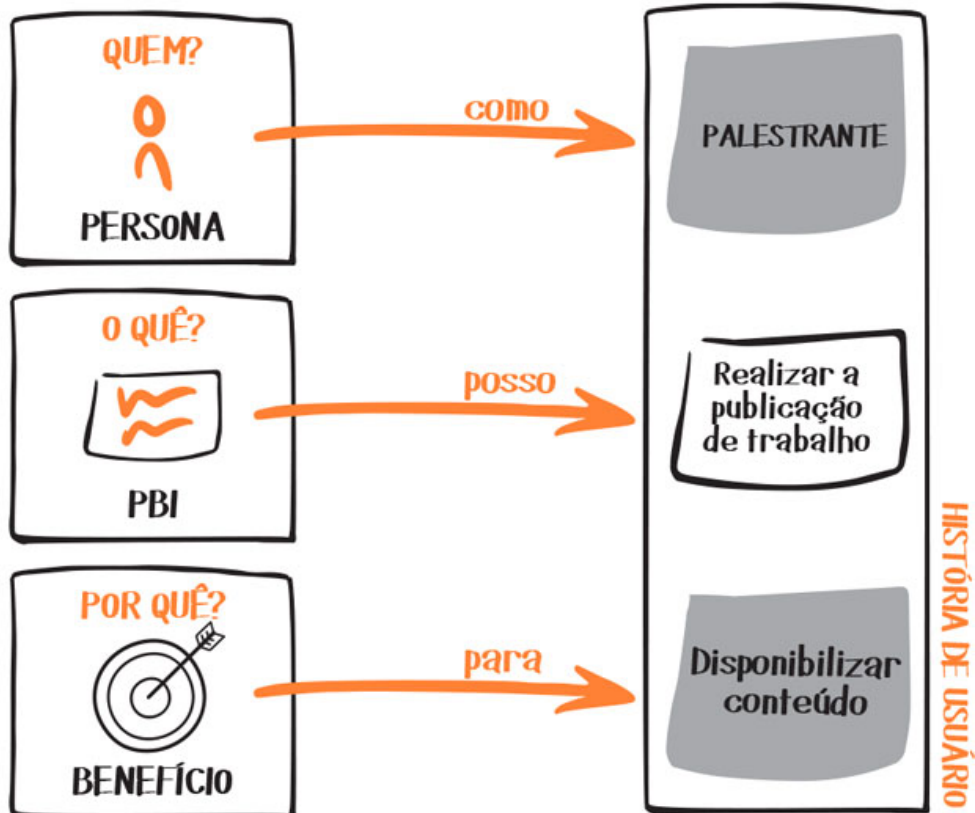
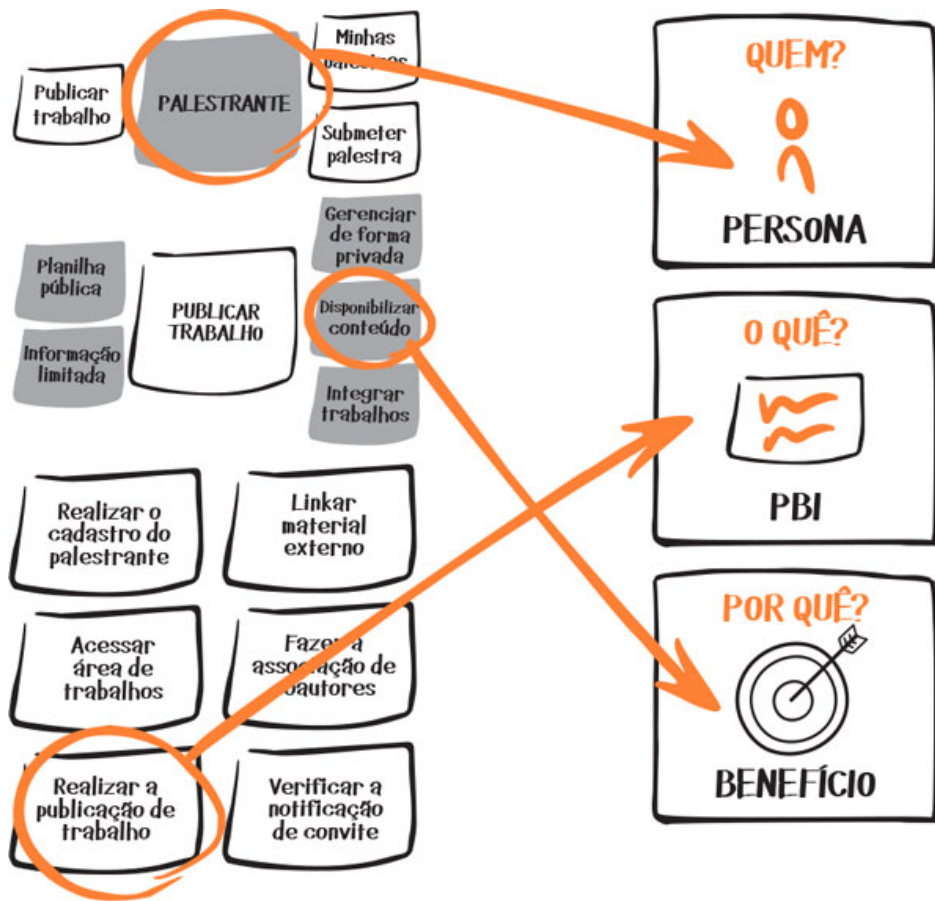


Não é fácil escrever as histórias de usuário. Ou melhor, não era fácil. Mas, após preencher o Canvas PBB, elas são escritas naturalmente.

A escrita de uma história de usuário basicamente responde a três perguntas: quem? O quê? Por quê?



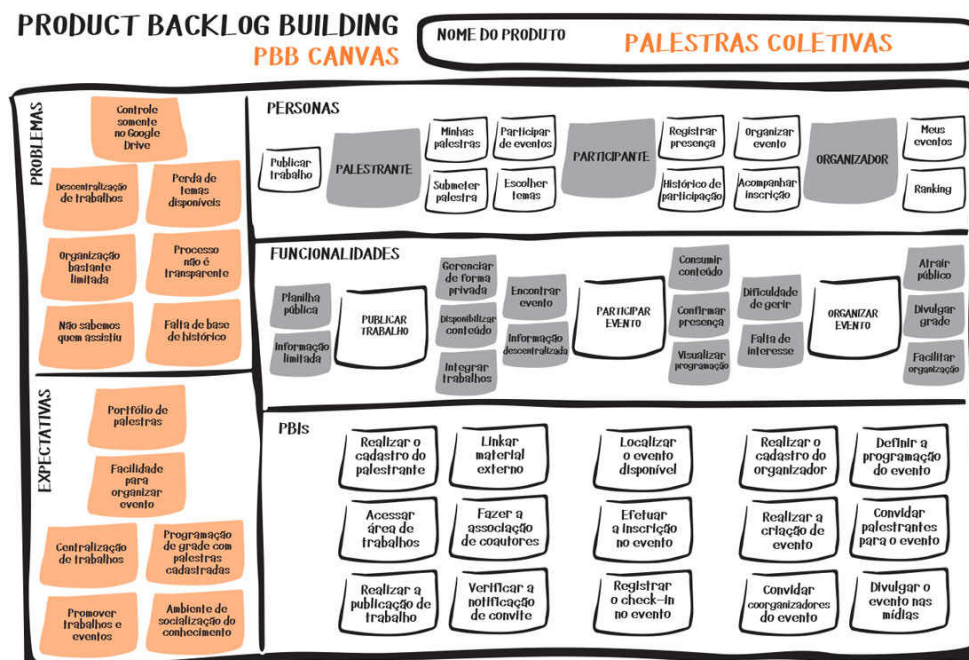
O PBB nos ajuda na escrita das histórias de usuário. Como podemos notar, no PBB temos o “quem?” que é a persona; o “o quê?” que, nesse caso, são os PBIs; e, por último, o “por quê?” que está nos benefícios da funcionalidade. As figuras a seguir exemplificam de uma forma bem simples como fica fácil escrever as histórias de usuário com ajuda do Product Backlog Building.



OceanofPDF.com

EXEMPLO: PALESTRAS COLETIVAS

O Fábio participou da criação do produto digital Palestras Coletivas.²⁰ Esse é um produto criado pela comunidade Tá Safo para criar um portfólio de palestras e organizar eventos. A seguir há a descrição de três funcionalidades do produto com algumas histórias de usuário, critérios de aceite, tarefas e interface.



Persona, funcionalidade, histórias

Seguem as três funcionalidades de exemplo do Palestras Coletivas com suas respectivas personas e histórias de usuário.

PERSONA: PALESTRANTE

FUNCIONALIDADE 1: Publicar trabalho.

HISTÓRIA 1.1: Como palestrante, posso acessar a área de trabalho para gerenciar de forma privada.

HISTÓRIA 1.2: Como palestrante, posso realizar a publicação de trabalho para disponibilizar conteúdo.

HISTÓRIA 1.3: Como palestrante, posso linkar a apresentação externa para integrar trabalhos.

PERSONA: PARTICIPANTE

FUNCIONALIDADE 2: Participar de evento.

HISTÓRIA 2.1: Como participante, posso localizar evento disponível para visualizar programação.

HISTÓRIA 2.2: Como participante, posso efetuar a inscrição no evento para consumir conteúdo.

HISTÓRIA 2.3: Como participante, posso registrar check-in no evento para confirmar presença.

PERSONA: ORGANIZADOR

FUNCIONALIDADE 3: Organizar evento.

HISTÓRIA 3.1: Como organizador, posso definir programação do evento para divulgar a grade.

HISTÓRIA 3.2: Como organizador, posso divulgar evento nas mídias para atrair público.

HISTÓRIA 3.3: Como organizador, posso convidar coorganizadores do evento para facilitar organização.

História, critérios de aceite, tarefas

Agora, confira um exemplo de uma história e dois habilitados da funcionalidade “publicar trabalho” do Palestras Coletivas. A história está de acordo com a definição de preparado, com seus critérios de aceite, tarefas e interface.



CHECKLIST – PBI ESTÁ PREPARADO?

- 🔴 O PBI está representado por uma história de usuário.
- 🔴 O PBI está coberto por critérios de aceite & BDD.
- 🔴 O PBI está mapeado para uma interface (quando necessário).
- 🔴 As dependências do PBI estão identificadas (se houver).

HISTÓRIA 1.1

Como palestrante, posso linkar a apresentação externa para integrar trabalhos.

CRITÉRIO DE ACEITE 1

CENÁRIO 1: Associar apresentação nas plataformas de compartilhamento de apresentação.

Dado que existe um link válido na plataforma SlideShare

Quando associar o link da apresentação externa

Então mostrará uma prévia da apresentação na tela.

CRITÉRIO DE ACEITE 2

CENÁRIO 2: Associar apresentação ao publicar trabalho.

Dado que o link da apresentação é válido

Quando realizar a publicação do trabalho

Então mostrará a apresentação associada nos detalhes do trabalho publicado.

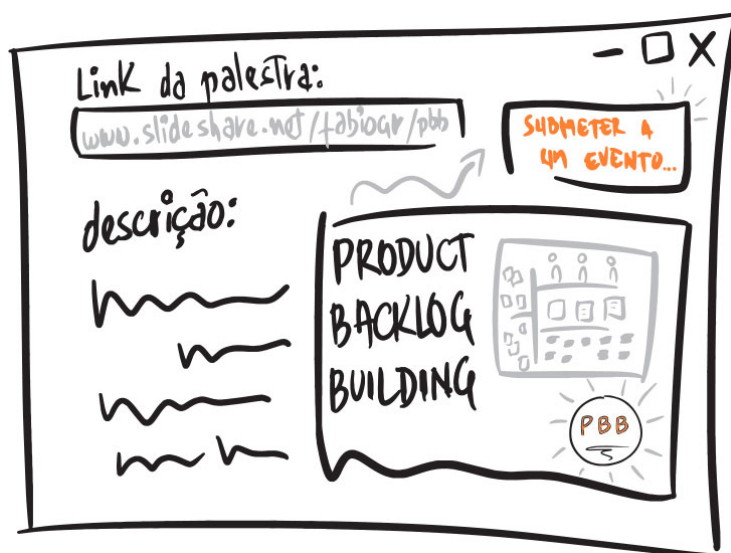


TAREFAS

- Consumir o *endpoint* da apresentação.
- Criar UI para mostrar o arquivo PDF da apresentação.
- Criar lógica no *backend* para linkar apresentação com trabalho publicado.
- Alterar parâmetro para link público ou privado.
- Criar dados de teste para verificar se link é válido.
- Alterar DB para incluir o link da apresentação.

Esboço de interface

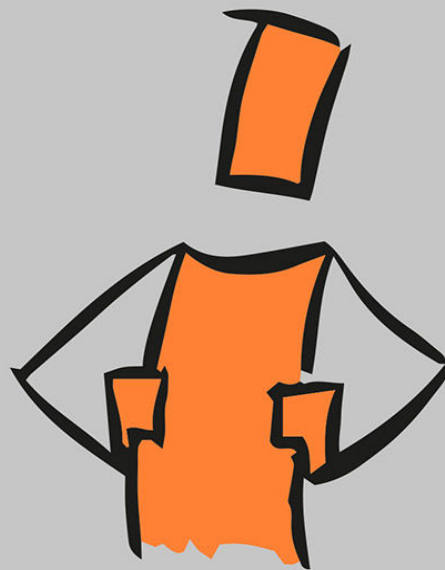
A seguinte imagem é uma representação do que foi o esboço da interface para a história.



HABILITADOR EXPLORATÓRIO: Estudar o endpoint API de integração com as plataformas de compartilhamento de apresentações on-line (SlideShare e Speaker Deck).

HABILITADOR TÉCNICO: Consumir o endpoint oEmbed como uma tag de link no cabeçalho para que possa ser detectado automaticamente quando incorporar a apresentação.

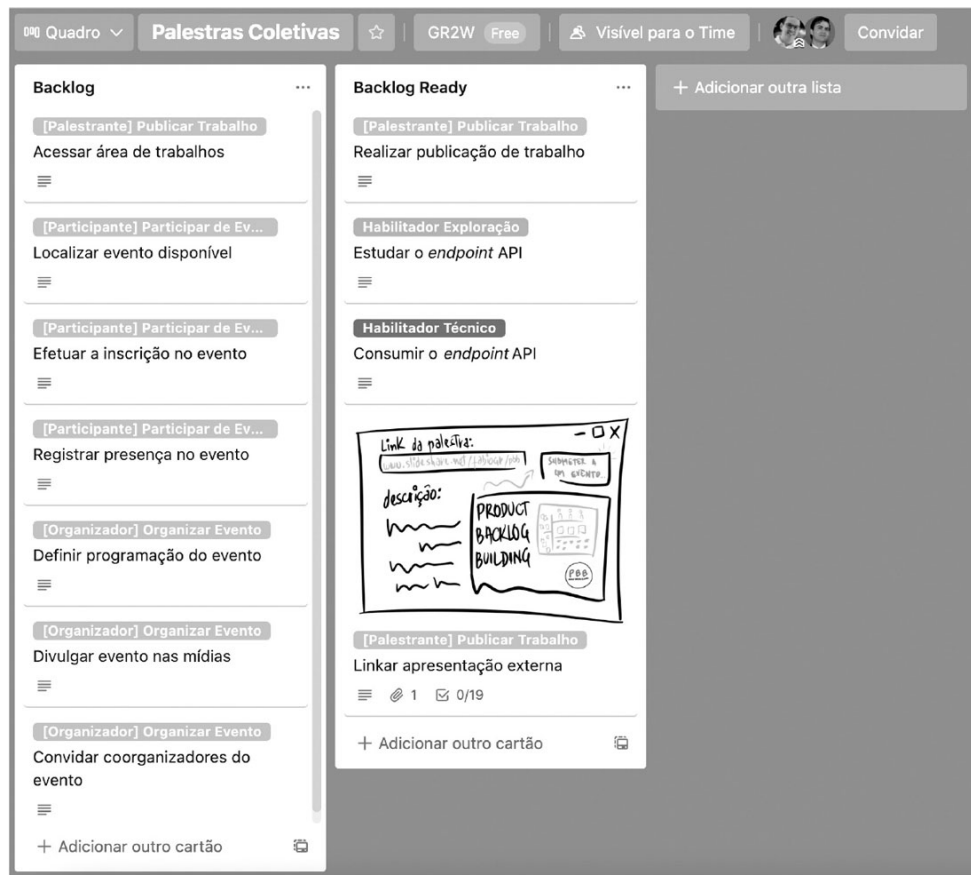
**Não é fácil escrever
as histórias de usuário.
Ou melhor, não era fácil.
Mas, após preencher o
Canvas PBB, elas são
escritas naturalmente.**



OceanofPDF.com

Cartões no Trello

Seguem algumas imagens que demonstram o backlog de exemplo no Trello com o cartão da história 1.1.



Linkar apresentação externa

na lista [Backlog Ready](#)

ETIQUETAS

[Palestrante] Publicar Trabalho +

Descrição Editar

Como palestrante, posso linkar a apresentação externa para integrar trabalhos

Critérios de Aceite:

Cenário 1: Associar apresentação nas plataformas de compartilhamento de apresentação

*Dado que existe um link válido na plataforma SlideShare
Quando associar o link da apresentação externa
Então mostrar uma prévia da apresentação na tela*

Cenário 2: Associar apresentação ao publicar trabalho

*Dado que o link da apresentação é válido
Quando realizar a publicação do trabalho
Então mostrar a apresentação associada nos detalhes do trabalho publicado*

Anexos



Sketch de interface.png

Adicionado: 8 horas atrás - [Comentário](#) - [Excluir](#) - [Editar](#)

 [Remover Capa](#)

SUGERIDAS

 Ingressar

ADICIONAR AO CARTÃO

 Membros

 Etiquetas

 Checklist

 Data de entrega

 Anexo

POWER-UPS

+ Adicionar power-...

BUTLER NOVO

+ Adicionar botão

AÇÕES

→ Mover

 Copiar

 Criar modelo



Tarefas:

[Excluir](#)[Compartilhar](#)

0%



Consumir o *endpoint* da apresentação



Criar UI para mostrar o arquivo .pdf da apresentação



Criar lógica no *backend* para linkar apresentação com trabalho publicado



Alterar parâmetro para link publico ou privado



Criar dados de teste para verificar se link é válido



Alterar DB para incluir o link da apresentação

[Adicionar um item](#)

Cenários:

[Excluir](#)

0%



1: Associar apresentação nas plataformas de compartilhamento de apresentação



2: Associar apresentação ao publicar trabalho

...

[Adicionar um item](#)

Habilitadores:

[Excluir](#)

0%



 Consumir o *endpoint* API



 Estudar o *endpoint* API

Linkar apresentação externa



História de Usuário:

☐ Como palestrante, posso linkar a apresentação externa para integrar trabalhos

Critérios de Aceite:

✓ Cenário 1: Associar apresentação nas plataformas de compartilhamento de apresentação

*Dado que existe um link válido na plataforma SlideShare
Quando associar o link da apresentação externa
Então mostrar uma prévia da apresentação na tela*

✓ Cenário 2: Associar apresentação ao publicar trabalho

*Dado que o link da apresentação é válido
Quando realizar a publicação do trabalho
Então mostrar a apresentação associada nos detalhes do trabalho publicado*

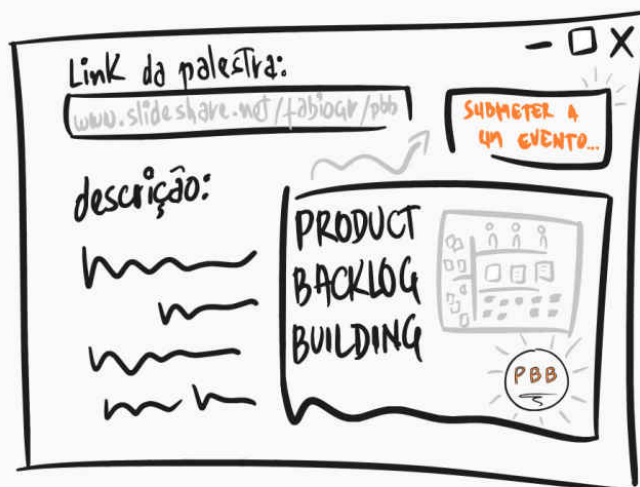
Habilitadores:

- ⚙ [Exploração] Estudar o *endpoint* API de integração com as plataformas de compartilhamento de apresentações online (SlideShare).
- ⚙ [Técnico] Consumir o *endpoint* *oEmbed* como uma tag de link no cabeçalho para que possa ser detectado automaticamente quando incorporar a apresentação.

Tarefas:

- ✓ Consumir o *endpoint* da apresentação
- ✓ Criar UI para mostrar o arquivo .pdf da apresentação
- ✓ Criar lógica no backend para linkar apresentação com trabalho publicado
- ✓ Alterar parâmetro para link público ou privado
- ✓ Criar dados de teste para verificar se link é válido
- ✓ Alterar DB para incluir o link da apresentação

Interface:



pbb.guide

**Como podemos notar,
no PBB temos o "quem?" que
é a persona; o "o quê?"
que, nesse caso, são os PBIs;
e, por último, o "por quê?"
que está nos benefícios
da funcionalidade.**



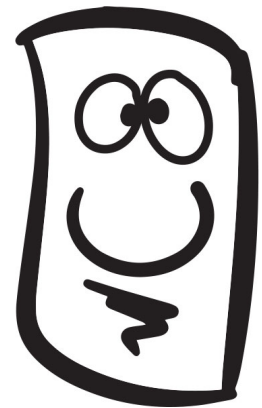
OceanofPDF.com

20 O produto digital Palestras Coletivas está disponível em: <https://palestrascoletivas.tasafo.org>.

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com



Mesmo usando o PBB para gerar suas histórias, você precisa verificar a qualidade delas. Ou melhor, precisa verificar o alinhamento entre o time sobre os principais atributos da história. Para isso, concordamos com o nosso amigo Manoel Pimentel (criador da técnica TAPAs²¹ que você precisa dar um “tapa final” no backlog.

Segundo Manoel, o TAPAs ajuda a enriquecer a análise e o entendimento sobre os principais atributos de uma história de usuário, os quais formam o acrônimo TAPA: tangível, atômica, preciosa, acessível (no original, em inglês, tangible, atomic, precious and affordable). Esses são, de maneira simples e direta, quatro atributos que devem estar esclarecidos antes de o time começar a trabalhar na história.

- **TANGÍVEL:** A história é tátil, concreta e específica.
- **ATÔMICA:** A história é pequena e independente.
- **PRECIOSA:** A história resolve um problema importante para o usuário.
- **ACESSÍVEL:** A história é de claro e fácil entendimento.

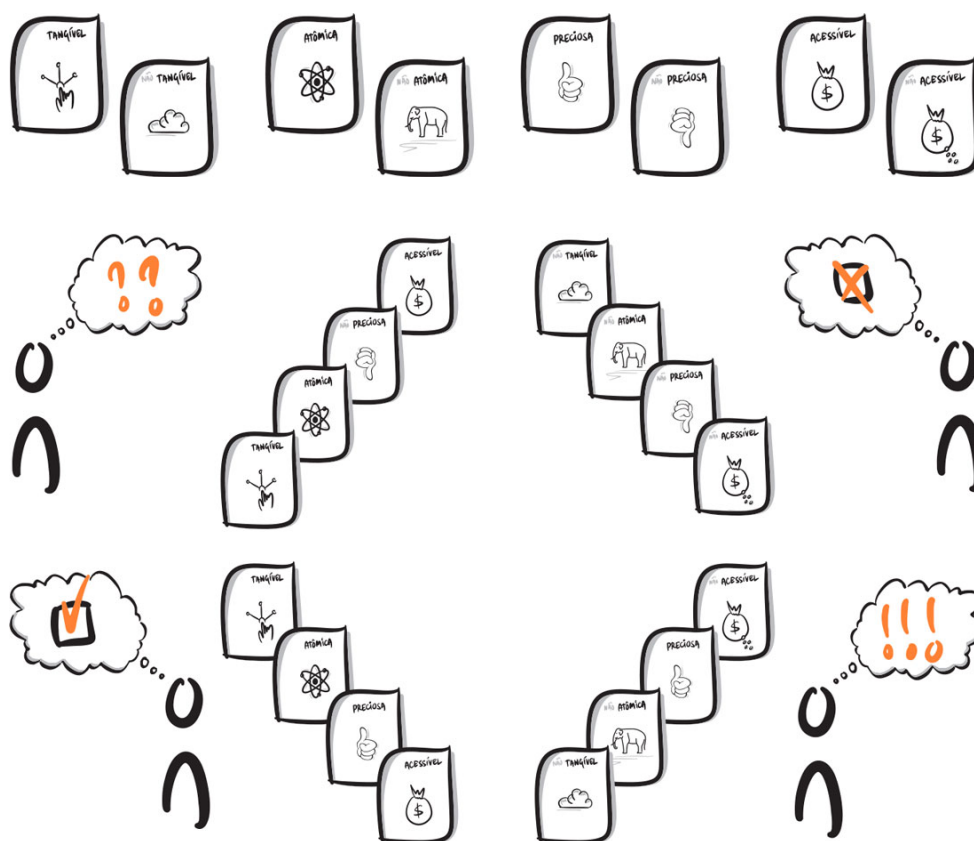
Manoel explica a técnica por meio da metáfora de que um bom backlog de histórias é similar ao famoso estilo de comida espanhola, as tapas, que são pequenas porções de comida. No Brasil, seria como uma porção de pupunhas ou de pães de queijo. O backlog da Sprint é como uma porção de tapas!

Similar a uma refeição em um restaurante espanhol de tapas, você vai se alimentar de várias tapas, que são entregues com frequência (Sprint a Sprint). Diferentemente de restaurantes tradicionais (não ágeis), que trabalham com um prato principal que vai demorar mais a ser servido, e, provavelmente, vai precisar de garfo e faca para cortá-lo em pedaços menores.

OceanofPDF.com

TAPAS COM CARTAS

O método TAPAs pode ser aplicado por meio de um jogo no qual cada participante recebe um conjunto de cartas.²² Entre elas, há uma carta verde e uma vermelha para cada um dos atributos. A verde sinaliza que a história atende tal atributo, enquanto a vermelha sinaliza que não atende. Depois de uma história ser apresentada para verificação, cada participante demonstra suas cartas para cada um dos quatro atributos: tangível, atômica, preciosa e acessível.



TAPAS NA MATRIZ

O método TAPAs pode ser aplicado em uma matriz, na qual os títulos das colunas são os quatro atributos e os títulos das linhas são as histórias. Cabe ao time pontuar cada célula da matriz (história × atributo do TAPA).

Faça com que cada história de usuário seja **T**angível, **A**tômica, **P**reciosa e **A**cessível.

	Tangível	Atômica	Preciosa	Acessível	Pronto para SPRINT
História de usuário 1	     	     	     	     	
História de usuário 2	     	     	     	     	
História de usuário 3	     	     	     	     	
História de usuário 4	     	     	     	     	

A figura demonstra uma utilização da matriz TAPA por um time com seis pessoas. Cada um dos participantes utilizou um ponto verde (representado pelo laranja) ou um ponto vermelho (representado pelo cinza) para indicar, respectivamente, se a história atende ou não atende tal atributo.

SINAL VERMELHO

Sejam TAPAs com cartas, ou TAPAs na matriz, o time precisa atuar quando uma história recebe muitas cartas ou pontos vermelhos (representados anteriormente em cinza na imagem). Seguem algumas dicas para reduzir os vermelhos em cada um dos atributos:

- **TANGÍVEL:** Seja mais concreto, mais específico. Evite usuários genéricos e descrições abstratas.
- **ATÔMICA:** Elimine dependências na forma de implementar a solução. Busque uma implementação mais autocontida.
- **PRECIOSA:** Resolva um problema do usuário. Descreva o benefício, o porquê da história.
- **ACESSÍVEL:** Busque uma solução simples e direta. Evite usar uma bazuca para exterminar uma mosca.

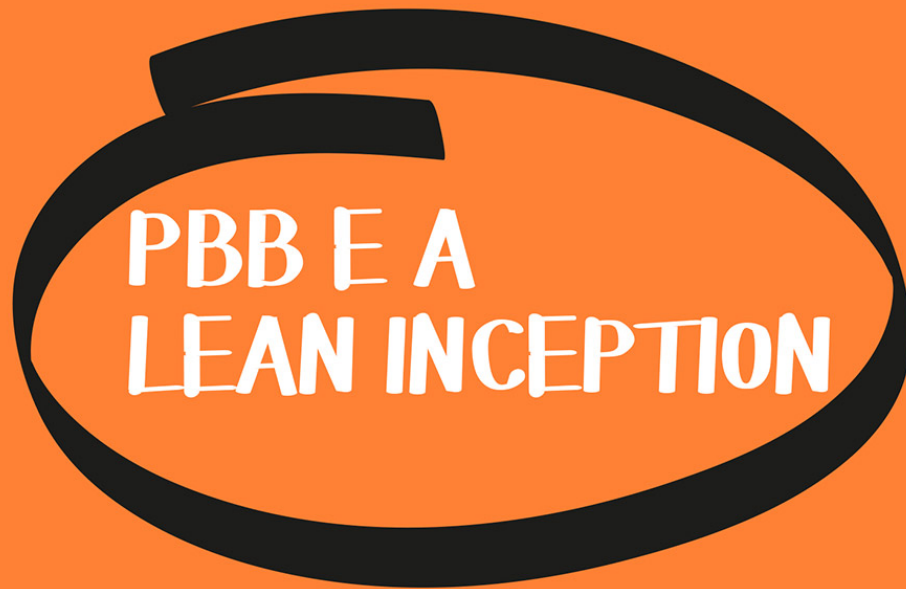
**o TAPAs ajuda a enriquecer
a análise e o entendimento
sobre os principais atributos
de uma história de usuário,
os quais formam o acrônimo
TAPA: tangível, atômica,
preciosa e acessível.**



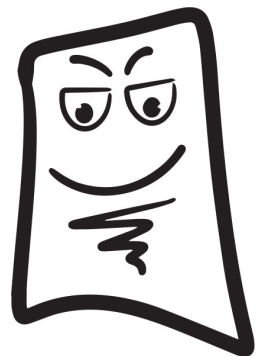
OceanofPDF.com

-
- 21 PIMENTEL, Manoel. Making TAPAs with your User Stories, 2019. Disponível em: <https://medium.com/@Elabor8/making-tapas-with-your-user-stories-94b013541b38>. Acesso em: abr. 2021.
- 22 O conjunto de cartas está disponível para download em: <https://www.caroli.org/livro/pbb#extra>.

[OceanofPDF.com](https://oceanofpdf.com)



OceanofPDF.com



A Lean Inception é um workshop colaborativo com uma série de atividades, geralmente programadas dentro de uma semana, para alinhar um grupo de pessoas sobre o MVP e os incrementos do produto a ser construído.

Ela ajuda no entendimento do MVP e suas principais funcionalidades. O PBB ajuda na criação e no refinamento de um backlog de histórias. A combinação das duas técnicas é uma forma muito efetiva de alinhar a estratégia e a entrega de produtos digitais para times ágeis.

A Lean Inception gera um plano para a criação e evolução do produto via MVP e os incrementos seguintes. Após a Lean Inception, o time precisa construir o backlog do produto.

OceanofPDF.com

ALINHAMENTO DO MVP E ALINHAMENTO DAS SPRINTS

O artefato gerado pela Lean Inception demonstra o que é esperado para o MVP, enquanto o gerado pelo PBB demonstra o que é esperado para as próximas Sprints.

Para quando é o MVP? O que é o MVP? Estamos alinhados sobre isso? A Lean Inception responde a essas perguntas!

Quais são as histórias para a próxima Sprint? As histórias estão bem escritas? Entendemos o porquê dessas histórias? O PBB responde a essas perguntas!

OceanofPDF.com

A HISTÓRIA DO CASAMENTO

A Lean Inception e o PBB podem ser usados separadamente, mas a melhor opção é fazer o “casamento” dos dois e aproveitar o melhor de cada um! A nossa sugestão é que você faça a Lean Inception e depois o PBB. E sabe o porquê?

Bom, quando eu, Paulo Caroli, vi o PBB pela primeira vez, disse: “Fábio, você resolveu o meu problema! Porque, com a Lean Inception, eu chego até o nível de funcionalidades. Depois disso, alguém (ou “alguéns”) escrevia as respectivas histórias de usuário e eu deixava isso nas mãos da PO. Mas agora, com o PBB, damos o passo seguinte da Lean Inception, que é justamente quebrar essas funcionalidades em itens de backlog e escrever as histórias de usuário. E de maneira colaborativa, sem deixar toda a responsabilidade somente com a PO.”

OceanofPDF.com

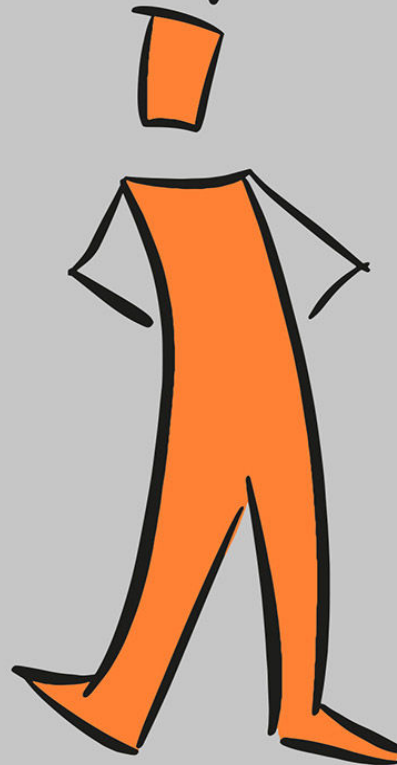
O PBB COMO PASSO SEGUINTE DA LEAN INCEPTION

Criar um backlog de histórias sem compreender o MVP pode ser arriscado: o time pode trabalhar muito, mas com baixa eficácia, já que não está alinhado sobre o mínimo viável para verificar o direcionamento do produto. Por isso, recomendamos fortemente que, antes de aplicar o PBB, o time realize uma Lean Inception, seguindo os passos descritos no livro Lean Inception: como alinhar pessoas e construir o produto certo.²³

Ao terminar o workshop, o time sabe o que fazer, mas ainda precisa definir o backlog de histórias, que é quando entra o PBB.

OceanofPDF.com

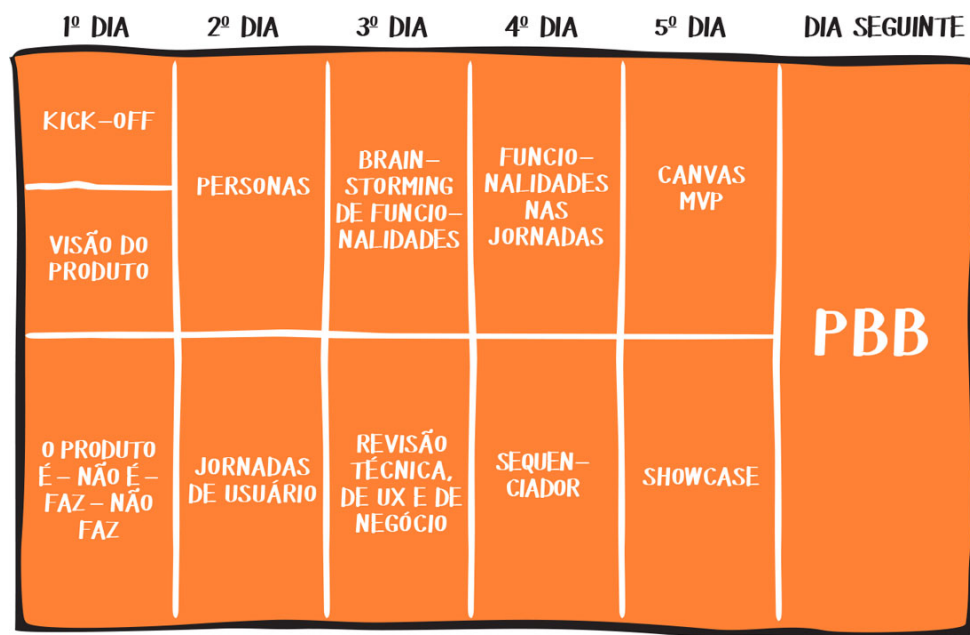
**A Lean Inception e
o PBB podem ser usados
separadamente, mas a
melhor opção é fazer o
‘casamento’ dos dois.**



OceanofPDF.com

FAÇA O ENCAIXE

A Lean Inception tem uma agenda de cinco dias, enquanto o PBB tem a agenda de um. Quando aplicados consecutivamente, ou seja, o PBB como passo seguinte da Lean Inception, o PBB geralmente acontece no dia seguinte a Lean Inception. Você vai aproveitar alguns dos artefatos gerados no workshop e, por isso, você provavelmente conseguirá fazer o PBB em menor tempo.



Problemas e expectativas

Para aplicar o PBB sem ter feito uma Lean Inception, você começa pelos blocos de problemas e de expectativas, os quais fornecem o alinhamento inicial do produto. Porém, quando tal alinhamento já foi definido na Lean

Inception, você tem duas opções: 1) deixar esses blocos vazios, ou 2) buscar nos artefatos da Lean Inception – visão do produto, objetivos do produto, necessidades das personas, resultado esperado do Canvas MVP – os dados para colocar nesses blocos.

Personas

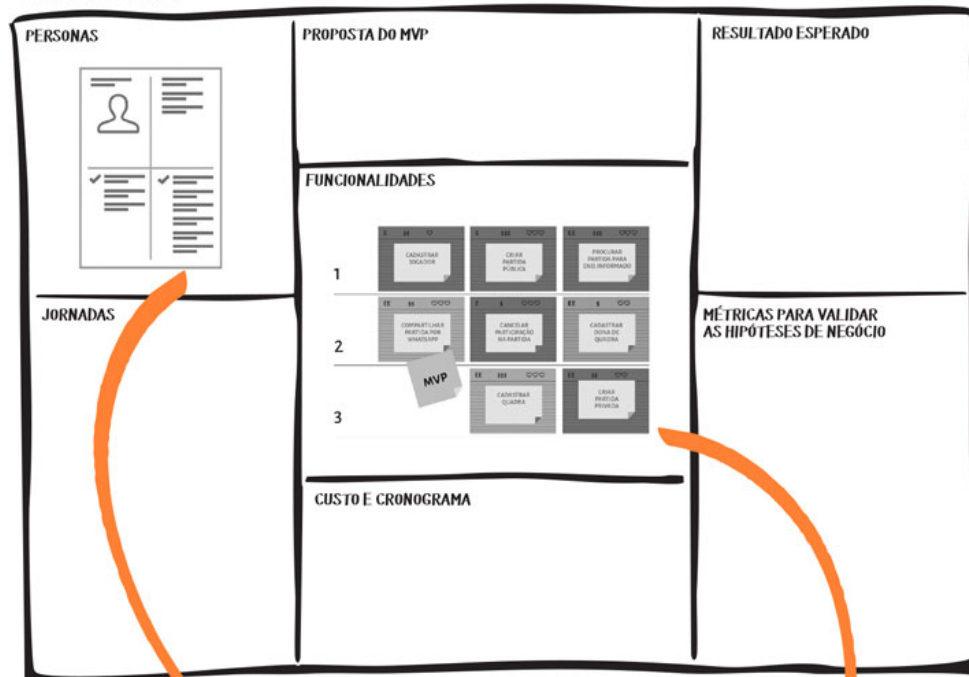
O Canvas MVP é um dos artefatos gerados na Lean Inception. Nele você encontra informações sobre o perfil das personas atendidas pelo MVP e suas funcionalidades. Copie essas informações para o PBB Canvas, no bloco de personas.

Funcionalidade

Tanto no sequenciador – outro artefato da Lean Inception – quanto no Canvas MVP, você encontra as funcionalidades selecionadas para o MVP. Copie essas funcionalidades para o PBB Canvas, no bloco correspondente.

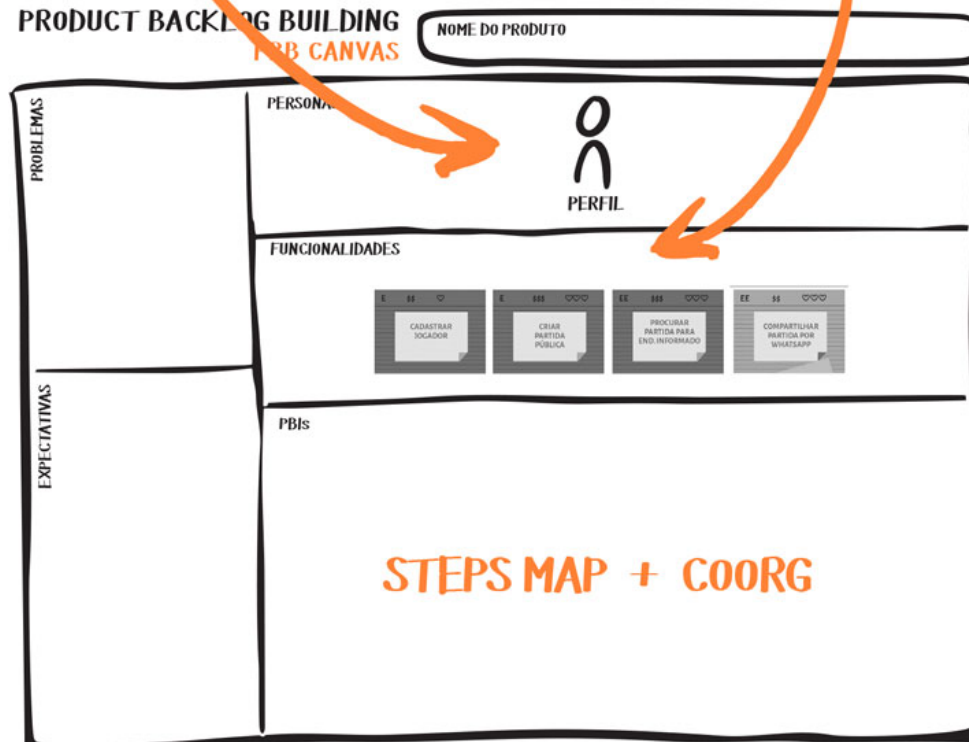
Ao copiá-las, mantenha a mesma ordem que está no sequenciador. Dessa forma, você já estará realizando a segunda atividade do COORG: ordenar o backlog. Para cada uma das funcionalidades, anote explicitamente os respectivos benefícios e/ou problemas que resolvem.

CANVAS MVP



PRODUCT BACKLOG BUILDING

PBB CANVAS



Identifique e priorize os PBIs

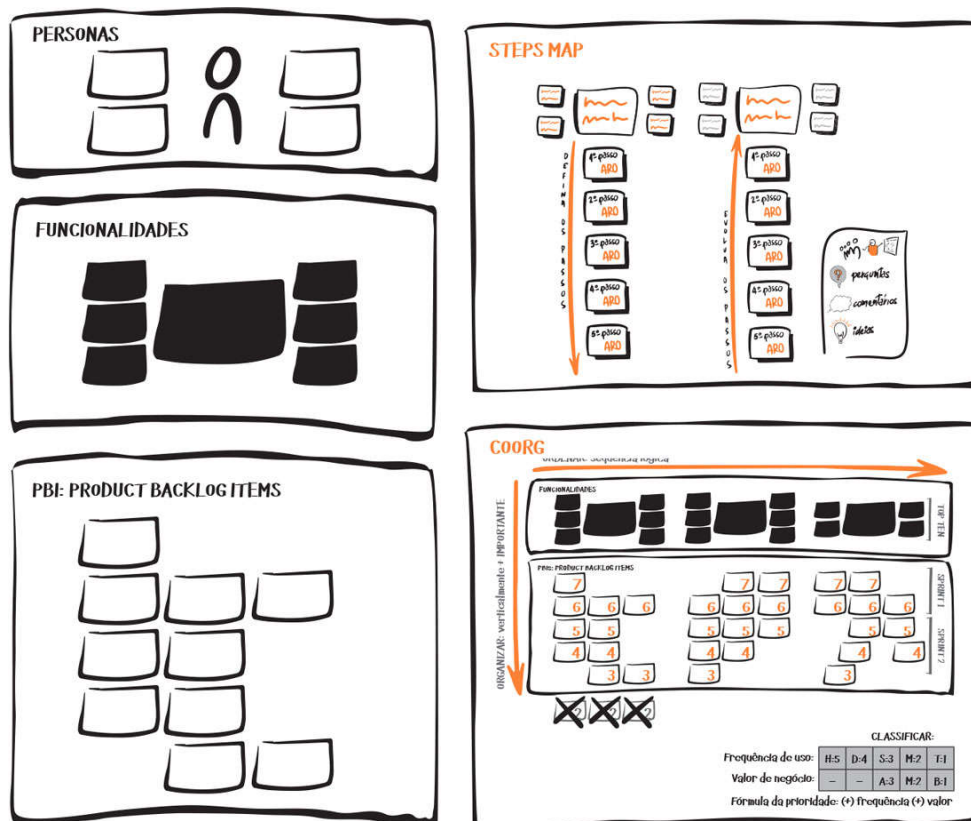
Aplique o Steps Map para quebrar cada uma das funcionalidades em itens menores, ou seja, nos itens de backlog.

Logo, aplique o COORG para fazer uma priorização e um plano de entrega a nível de Sprints. Você ainda tem a oportunidade de (facilmente) escrever os PBIs no formato de histórias de usuário.

Priorização dentro de priorização

O sequenciador define a ordem das funcionalidades, e isso é muito útil. Mas você ainda precisa definir a ordem do trabalho, agora, no nível das histórias.

Para tanto, deve aplicar o COORG para colocar as várias histórias das primeiras funcionalidades em ordem de prioridade.



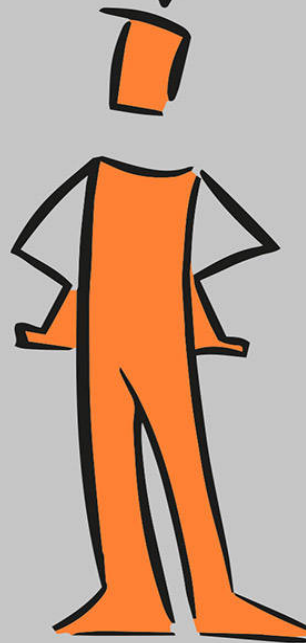
Note que a Lean Inception e o PBB atuam em níveis distintos. A inception atua no nível do alinhamento e priorização das funcionalidades para um produto, para o MVP. Enquanto o PBB com o COORG faz o planejamento a nível de Sprint e guia o trabalho de refinamento do backlog.

Depois de feitos a Lean Inception e o PBB, o time pode trabalhar com Scrum, com o Kanban etc. A partir daí, é refinamento contínuo do backlog! É trabalhar, Sprint a Sprint,²⁴ buscando o resultado!

OceanofPDF.com

**A Lean Inception gera
um plano para a criação e
evolução do produto via MVP
e os seguintes incrementos.**

**Após a Lean Inception,
o time precisa construir
o backlog do produto.**



OceanofPDF.com

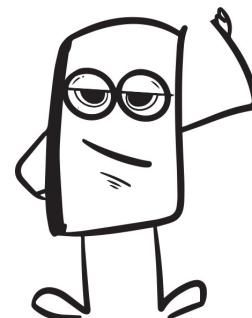
-
- 23 CAROLI, Paulo. Lean Inception: como alinhar pessoas e construir o produto certo. Rio de Janeiro: Editora Caroli, 2018.
- 24 O livro Sprint a Sprint (2020), de Mary Provinciatto e Paulo Caroli, apresenta a história de um time ágil (com seus erros e acertos), Sprint a Sprint, na busca pelo resultado.

OceanofPDF.com



CONSIDERAÇÕES FINAIS

OceanofPDF.com



Diante do cenário de incertezas, mudanças constantes e produtos complexos, construir um backlog efetivo é um grande desafio. As atividades apresentadas neste livro levam você a organizar o backlog de forma simples, rápida e enxuta. E, principalmente, de maneira colaborativa!

Seguindo essas atividades, seu time aumentará a qualidade do backlog e você terá uma forma estruturada de acompanhar todos os itens do backlog, desde os problemas até os detalhes de possíveis soluções.

O fluxo de construção de backlog apresentado neste livro permite que os times de produto classifiquem suas hipóteses e seus requisitos em itens relevantes e priorizem aquelas que terão maior impacto imediato. Com o tempo, seu time ficará tão habituado com esse método que estará seguindo uma cultura de refinamento contínuo.

Nossa jornada com produtos digitais nos apresentou muitos desafios e muito aprendizado. Esperamos que, compartilhando nossa experiência ao longo deste livro, você e o seu time tenham ainda mais sucesso no desenvolvimento dos seus produtos.

Obrigado pela leitura e boas sessões de PBB!

FÁBIO AGUIAR E PAULO CAROLI

OceanofPDF.com

A thick orange ribbon graphic that forms an oval shape around the text. The ribbon has a slight 3D effect with a shadow on the left side.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OceanofPDF.com

- ADZIC, Gojko. Specification by Example: how successful teams deliver the right software. Nova York: Manning Publications, 2011.
- ANDERSON, David J. Kanban: successful evolutionary change for your technology business. Blue Hole Press, 2010.
- ANICHE, Mauricio. Test-Driven Development: teste e design no mundo real. São Paulo: Casa do Código, 2014.
- ASTELS, Dave; BAKER, Steven. RSpec and behavior-driven development, 2007. Disponível em: <https://www.infoq.com/interviews/Dave-Astels-and-Steven-Baker>. Acesso em: abr. 2021.
- ASTELS, David. Test-Driven Development: a practical guide. Nova Jersey: Prentice Hall, 2003.
- BECK, Kent. Extreme Programming Explained: embrace change. Boston: Addison-Wesley, 2004.
- BECK, Kent. Test Driven Development: by example. Boston: Addison-Wesley, 2002.
- CAROLI, Paulo. Lean Inception: como alinhar pessoas e construir o produto certo. Rio de Janeiro: Editora Caroli, 2018.
- COHN, Mike. Succeeding with Agile: software development using Scrum. Boston: Addison-Wesley, 2009.
- COHN, Mike. User Stories Applied. Boston: Addison-Wesley Professional, 2004.
- COHN, Mike. User Stories, Epics and Themes, 2011. Disponível em: <http://www.mountangoatsoftware.com/blog/stories-epics-and-themes>. Acesso em: abr. 2021.
- MESZAROS, Gerard. XUnit Test Patterns: refactoring test code. Nova Jersey: Prentice Hall, 2006.
- NORTH, Dan. Introducing BDD, 2006. Disponível em: <http://dannorth.net/introducing-bdd/>. Acesso em: abr. 2021.

- PATTON, Jeff. User Story Mapping: discover the whole story, build the right product. Sebastopol, Califórnia: O'Reilly Media, 2014.
- POPPENDIECK, Tom; POPPENDIECK, Mary. Lean Software Development: an agile toolkit. Boston: Addison-Wesley, 2003.
- PROVINCIATTO, Mary; CAROLI, Paulo. Sprint a Sprint: erros e acertos na transformação cultural de um time ágil. Rio de Janeiro: Editora Caroli, 2020.
- RIES, Eric. The Lean Startup: how today's entrepreneurs use continuous innovation to create radically successful businesses. Nova York: Crown Publishing, 2011.
- SABBAGH, Rafael. Scrum: gestão ágil para projetos de sucesso. São Paulo: Casa do Código, 2013.
- SCHWABER, Ken; SUTHERLAND, Jeff. The Scrum Guide, 2020. Disponível em <https://www.scrumguides.org/scrum-guide.html>. Acesso em: abr. 2021
- SCHWABER, Ken. Agile Software Development with Scrum. Nova Jersey: Prentice Hall, 2001.
- TELES, Vinícius. Extreme Programming: aprenda como encantar seus clientes com qualidade e alta produtividade. São Paulo: Novatec Editora, 2003.
- WAKE, William C. Extreme Programming Explored. Boston, EUA: Addison-Wesley Professional, 2001.



**ONDE
ENCONTRAR
MAIS**

OceanofPDF.com

Neste livro compartilhamos o Canvas PBB, algumas checklists e vários exemplos (de funcionalidades, histórias de usuário, habilitadores, critérios de aceite e tarefas).

Na página do livro você tem acesso a alguns dos materiais apresentados aqui. Eles estão em formato pdf, para facilitar o download e a impressão.

www.caroli.org/livro/pbb#extra



OceanofPDF.com

A thick orange ribbon graphic that forms an oval shape around the text, with a small loop at the top left.

**PARTICIPE DO
TREINAMENTO
DO PBB**

OceanofPDF.com



Desde 2012, o Fábio leciona palestras e treinamentos sobre o PBB. E a partir de 2019, a demanda e o reconhecimento sobre o assunto aumentaram muito. Logo, outras pessoas experientes (incluindo o Caroli) também passaram a lecionar sobre o tema.

O livro fornece uma ótima base teórica sobre o PBB, enquanto o treinamento provê uma experiência única e intensa por meio de sessões *hands-on* que vão te levar a vivenciar a prática da criação e do refinamento de um backlog de produto através do PBB.

O treinamento também fornece a conexão entre as pessoas facilitadoras de PBB e a troca de experiência entre elas (incluindo as pessoas treinadoras de PBB). Além de desafiar e manter o assunto do livro conectado com a necessidade e com o contexto atual de cada participante, de cada organização.

Ao completar o treinamento, você receberá um certificado – o Certified PBB Practitioner –, o qual é reconhecido e requisitado por várias organizações.

Confira a agenda de treinamentos em:

www.caroli.org/treinamento/product-backlog-building/



[OceanofPDF.com](https://oceanofpdf.com)

**SOBRE A
EDITORIA CAROLI**

OceanofPDF.com

SOBRE A EDITORA CAROLI

Para leitores e autores que buscam e compartilham conhecimento de forma ágil, a Editora Caroli é uma editora-boutique – todos os livros são escritos, lidos, editados e/ou revisados por Paulo Caroli e por uma equipe editorial, que auxilia na produção, divulgação e distribuição de livros físicos e e-books. Diferentemente das editoras tradicionais, a Editora Caroli dá acesso ao conhecimento na sua essência, disponibilizando o texto das novas obras via e-books gratuitos, além de apoiar eventos e entidades de ensino, presenteando-os com livros impressos.

Em www.caroli.org você encontra este e outros conteúdos de qualidade. Aproveite, pois os livros e e-books em WIP estão disponíveis gratuitamente.

OceanofPDF.com

WIP (WRITING IN PROGRESS)

A Editora Caroli apresenta uma nova proposta de trabalho, aproximando autores dos seus leitores desde o início da geração do conteúdo. Por que esperar o autor terminar de escrever para ver se o conteúdo é bom? No mundo atual isso não faz mais sentido. Então a Editora Caroli promove o compartilhamento (gratuito sempre que possível) do WIP por meio dos formatos e-book (pdf, mobi e epub). Dessa forma, leitores têm acesso rápido a novas ideias e podem fazer parte da evolução da obra. Para os autores, essa é uma forma efetiva de feedback e motivação para a geração de conteúdo.

OceanofPDF.com

DEIXE SUA AVALIAÇÃO

Se você chegou aqui, é porque você acabou de ler o livro. Parabéns! Muito obrigado por compartilhar e por ler o conteúdo que disponibilizamos aqui.

Autores vivem e morrem pelas avaliações que recebem dos leitores. Então, se você gostou deste livro, ficaremos extremamente felizes em receber uma avaliação 5 estrelas pela sua leitura!

Caso você tenha alguma crítica, por favor envie um e-mail para contato@caroli.org e nos diga o que melhorar. Assim conseguimos adicionar conteúdo e corrigir eventuais erros para que a sua experiência de leitura seja cada vez melhor.

Muito obrigado!

www.caroli.org/livro/pbb#avaliar



OceanofPDF.com